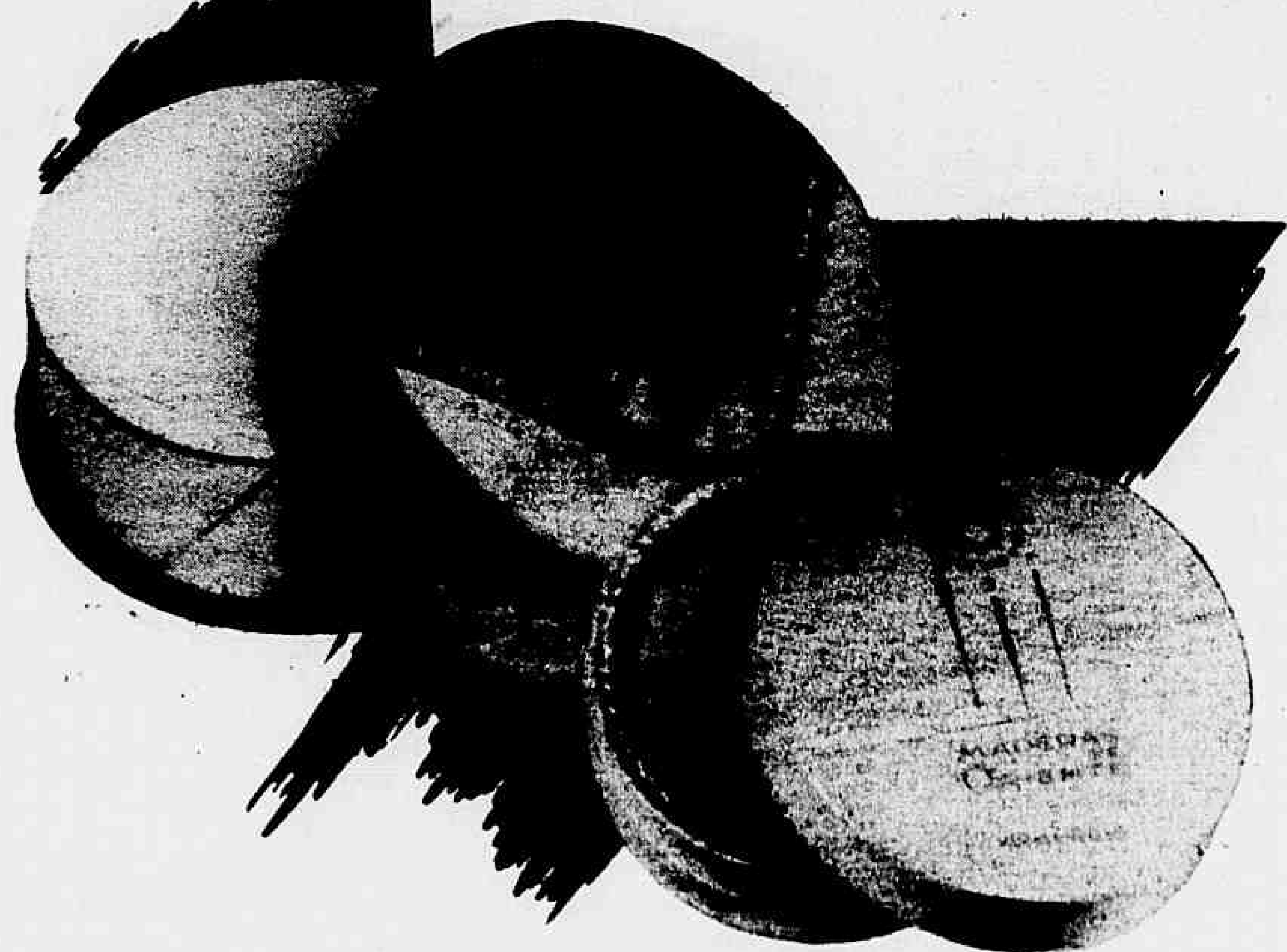


NOS BASTIDORES DA CONFERÊNCIA DE QUITANDINHA

Finura e vida da cútis





Pó de arróz
Rouge

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

EXTRATO • LOÇÃO • ÁGUA DE COLÔNIA • SABONETE

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 ★ Nº 50 ★ RIO DE JANEIRO ★ 11-12-54

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR .... Gratuliano Brito
REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
SECRETARIO .... Lúcio Cardoso
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Peter Müller, Paulo Soledade, Paulo de Andrade Lima, Antão Pedroso, Hélio Abreu, Hugo Rodolfo, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Oliveira Bastos, Demóstenes Varela e Bernardo Ludemir.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramon, Fortuna, Darel e Maria Teresa.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Nos bastidores da Conferência de Quitandinha 4/9
Gina gostaria de filmar no Brasil... 12/15
Fui à Europa estudar «ballet»....... 16/17
Iberê Camargo 20/21
Uma mulher contra uma cidade inteira 36/37
O escândalo dos painéis raspados.. 40/41
Juscelino Kubitschek indicado para o Catete 46/47
A fé remove a montanha.......... 53/54

● SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Show 11
Flash Paulista 18
Por êsse mundo de Deus........ 22/23
Rádio 38
Literatura 43
Palavras Cruzadas 48
Champanhota 57
Último flash 58

● LITERATURA

Crônica — Adalgisa Nery 3
Severino — Geny Marcondes 26/27
Maria 32/33

● HUMORISMO

Fortuna 30/31
O riso dos outros 59

● CAPA

Susan Hayward (Kodacrome T.C. Fox)

Êste número consta de 60 páginas.



Desenho de MARIA TERESA

ELEGÂNCIA

A elegância vem de dentro para fora. E' um reflexo inconfundível e quando existe, um macacão proletário dá a quem o veste, uma linha marcante de aristocracia. E' aquela velha frase: — «Não é o hábito que faz o monge». E por causa disso vou aproveitar a narrativa de um inteligente colega de um matutino. A história é:

● Um brasileiro muito simpático, bem pôsto fisicamente, permanente na lista de um dos homens mais elegantes do Rio, contou ao meu colega que conhecera numa das suas maravilhosas viagens, um lord inglês, dono de muitas terras, um dos proprietários mais ricos da Inglaterra. Um tipo realmente refinado e superado. Um dia um amigo do lord o encontrou na cidadezinha do seu condado e reparou que o mesmo vestia como qualquer camponês. O amigo estranhou que êle não cuidasse melhor da sua aparência e recebeu a seguinte explicação do latifundiário:

— Ora por que irei ter a preocupação de vestir-me com elegância em uma terra onde todo o mundo me conhece? Todos aqui sabem que eu sou o lord X.

● Meses depois, o mesmo amigo indo a Londres se encontra com o lord que trazia roupas iguais a um modestíssimo empregado do comércio.

— Pelo que observo, aqui em Londres também todo o mundo o conhece.

— Não, respondeu o lord, em Londres não preciso preocupar-me em cuidar da minha elegância porque justamente aqui ninguém me conhece. Não quero dizer que o meu colega repetiu a história ouvida do brasileiro considerado um dos mais elegantes, com o intuito de devolver a lição a quem não percebera.

● Mas não deixa de ser proveitosa a tantos homens que colecionam centenas de ternos, dezenas de dúzias de camisas de tecido inglês e que usam no nosso verão brasileiro, meias de pura lã inglêsa. Há uma diferença muito grande entre elegância natural, intrínseca, e elegância pela fartura de roupas, sapatos, meias, camisas e gravatas. Quando não existe o reflexo inconfundível não há traje feito no melhor alfaiate que a substitua.

ADALGISA NERY

NOS BASTIDORES DA CONFERÊNCIA D



Logo depois de aberta a reunião, o Presidente Café Filho discursou saudando os Ministros presentes.

ASPECTOS GERAIS — OS ESTADOS UNIDOS NO APARTAMENTO 200 — MENSAGEM DE EISENHOWER — OS QUE SE DESTACARAM — A POSIÇÃO DO BRASIL — AS DIVERGÊNCIAS

Reportagem de HUGO RODOLFO

DE QUITANDINHA



Aspecto da instalação da Reunião dos Ministros da Fazenda ou Economia, em Quitandinha.

EM Quitandinha, no dia 22 de novembro de 1954, às 17,00 horas, inaugurou-se em Sessão Solene a Reunião de Ministros da Fazenda ou Economia do Conselho Interamericano Econômico e Social. O Congresso reuniu no Brasil, delegados de 21 nações participantes, um observador (Canadá), vários Organismos representados, e nove países como convidados especiais (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Japão e Portugal).

Um temário completo permite divisar os objetivos de aproximação continental, a que se propõe o Conselho Interamericano Econômico e Social. Num clima de liberdade assegurado pelas Constituições Democráticas da maioria dos países representados, as nações americanas debatem os problemas comuns na esfera das relações político-econômicas. A solidariedade continental decantada utopia de ontem, é hoje realidade palpável.

Os prenúncios da campanha alvoreceram promissoramente: Para os jornalistas que, como nós, durante vários dias acompanharam o andamento das sucessivas reuniões dos delegados americanos, não foi difícil estabelecer logo após os primeiros contatos com as delegações vizinhas, os propósitos que emergiam das atitudes de polida cordialidade, para a superfície árida dos problemas econômicos que estão exigindo firmeza de atitudes e íntima cooperação. Em que pese a divergência eventual, é necessário estabelecer a vinculação das questões de âmbito interamericano e solidificar uma frente única contra medidas que acorrentem a economia externa das nações sulamericanas.

Não é ponto pacífico a questão do Capital Privado. A fórmula apoiada pelas nações da América Latina, não é porém, do interêsse dos EE.UU., que entendem estabelecer as bases da economia do hemisfério em organismos governamentais de financiamento. Conquanto sábia e culturalmente não possamos estabelecer restrições ao encaminhamento dos assuntos econômicos, faz-se notar, entretanto que, sòmente com muita prudência, senão mesmo, com certo temor, são estabelecidas e definidas as posições dos Congressistas.

Os esforços e sacrifícios de todos os povos do Continente estão na dependência do que se decidir em Quitandinha. Das decisões e soluções a que chegarem os senhores Ministros, dependerá o bem estar e o progresso da comunidade americana.

OS ESTADOS UNIDOS (no apartamento 200)

O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos e delegado à Reunião de Quitandinha, Mr. George M. Humphrey, tem soberanos aspectos de potentada figura lendária. Pela posição atual do seu país na liderança da economia mundial, mola acionadora das finanças da maioria dos países da América, compreende-se o fenômeno de «bajulação a domicílio» que se verifica nos corredores do Hotel Quitandinha e que leva a maioria dos Ministros ao apartamento de Mr. Humphrey. Quando o Secretário dos Estados Unidos declarou que sua pátria pretendia estabelecer uma política que era mais do quê a de «bons-amigos» ninguém esperou que êle acrescentasse: Seremos «bons-sócios». Foi esta última frase, que acionou a mecânica de idas e vindas dos representantes latinos, ao apartamento 200, para estender ao «companheiro sorridente» a oferenda de suas bandejas vazias.

Acidentalmente encontramos Mr. Humphrey no corredor do segundo andar. Não era nosso objetivo entrevistá-lo ali, mas as dificuldades impostas, mesmo aos jornalistas credenciados, pelos auxiliares imediatos do Secretário americano, tolhiam movimentos mais eficientes da reportagem. E' necessário acrescentar que, horas a fio, esperamos a oportunidade de ouvir e fotografar Mr. Humphrey no seu próprio quarto. Resultaram infrutíferas as tentativas empreendidas, e, assim, meio contrafeitos indagamos, ali mesmo, à queima roupa:

— Qual a sua impressão Mr. Humphrey a respeito do temário da Conferência?

— «A agenda de nossa reunião está admiràvelmente formulada para auxiliar-nos a avaliar, não apenas o nosso atual lugar no caminho que nos conduziu até aqui no sentido da realização do nosso objetivo, mas também as providências que poderemos tomar em conjunto e separadamente para acelerar o nosso progresso naquele caminho».

— Qual a maneira pela qual podem ser atendidos os interêsses econômicos no Continente?

— «Nós, nos EE.UU. seguimos naturalmente aquêles princípios que em nosso próprio país se revelaram eficazes para o melhoramento dos padrões de vida do povo e o fomento da prosperidade. Apresentá-los-emos nesta reunião,

GUDIN ESTARIA DIZENDO:



— **Preciso dinheiro, Humphrey... Dinheiro!**

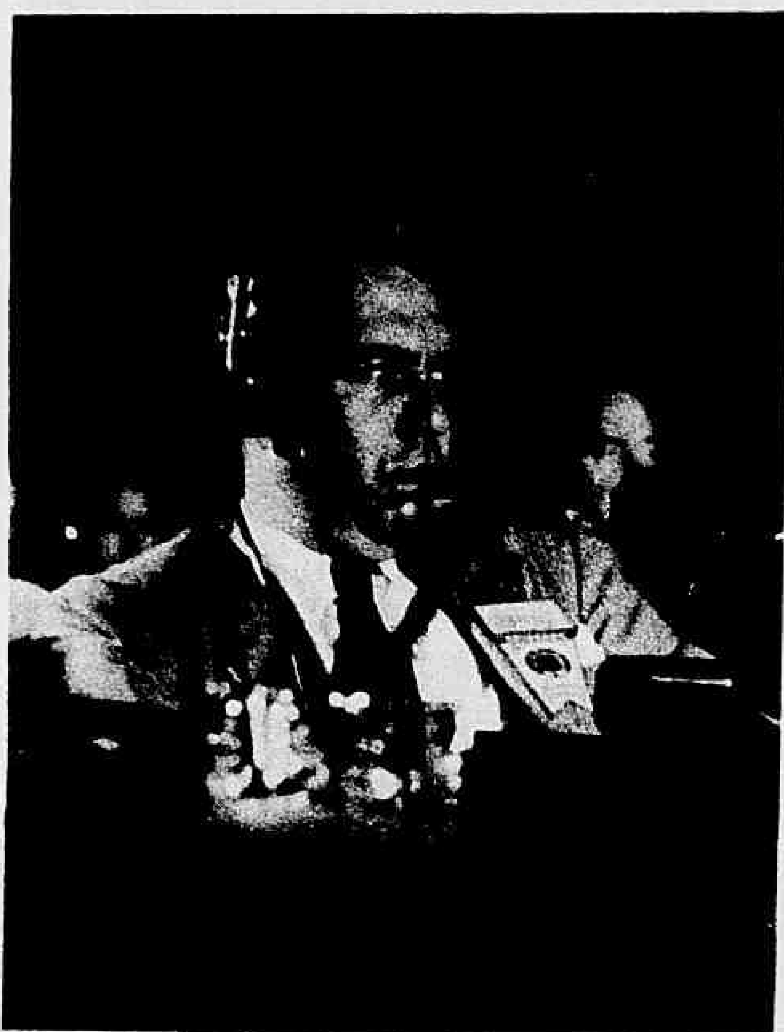


— **O que eu quero é pouco, «priminho». Duzentos milhões!**



— **Obrigado «Humphrinho». O dinheiro está bem guardado!**

NOS BASTIDORES DA CONFERÊNCIA DE QUITANDINHA



HONDURAS — Sr. Pedro Pineda Madrid.
(Sub-Secretário da Fazenda)



R. DOMINICANA — Sr. Arturo Despadrel.
(Sec. de Est. do Trabalho Economia e Comércio)



COSTA RICA — Sr. Jorge Rossi Chavarria.
(Ministro da Fazenda)



GUATEMALA — Sr. Jorge Arenales Catalán
(Ministro da Economia)



R. HAITI — Sr. Clément Jumelle.
(Sec. de Est. das Fin. e Economia Nacional)



EQUADOR — Sr. Jaime Nebot Velasco.
(Ministro da Economia)



PERU — Sr. Emílio Guimoye.
(Ministro da Fazenda e Comércio)



COLÔMBIA — Sr. Carlos Villaveces.
(Ministro da Fazenda)



EL SALVADOR — Sr. Enrique Porras.
(Ministro da Fazenda)

com a mesma franqueza amistosa com que estamos prontos a ouvir as opiniões de outras delegações».

— Acredita que haverá suficiente franqueza dos delegados das Américas ao debater frontalmente os problemas de cada nação?

— «Estou convencido de que somos capazes, nesta reunião, de expressar, em palavras claras, aquilo que os nossos povos desejam que realizemos».

— Alguma restrição à organização da reunião?

— «Absolutamente. Encontramos, isso sim, o ambiente ideal para debater os problemas de economia dos nossos países».

Despedíamo-nos de Mr. Humphrey, quando verificamos que o Ministro Eugênio Gudin aproximava-se do apartamento do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos. Sorrisos, palavras a meio tom, visível intenção de não serem ouvidos pela imprensa e, em seguida, quando já estávamos no elevador, notávamos que se encaminhavam para os aposentos particulares do delegado americano. Estivéssemos no lugar do Ministro Gudin e perguntaríamos mui confidencialmente a Mr. Humphrey: «Sabendo que o govêrno de Eisenhower não tem agora maioria no Parlamento americano, como serão ratificadas as decisões do seu representante na Reunião de Ministros de Quitandinha?»

A MENSAGEM DE EISENHOWER

«Tenho a grande satisfação de enviar cordiais cumprimentos e votos de sucesso à Reunião de Ministros da Fazenda ou Economia da família americana de nações, a realizar-se no Rio de Janeiro, a capital de nossa grande república irmã, o Brasil. Rigozijo-me de transmitir esta mensagem por intermédio do Sr. George H. Humphrey, nosso secretário do Tesouro, o qual, como chefe da delegação dos Estados Unidos, fala em nome de nossa nação e, com tôda autoridade, apresentará nossos planos de ação.

OS QUE SE DESTACAM

O sr. Raul Prebich, representante da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) usando da palavra em brilhante improviso de aproximadamente uma hora de duração, foi o mais aplaudido dos delegados. Respondendo ao representante da «Cepal», o sr. Eugene Black, presidente do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, disse que: «os antecedentes continentais, oferecem um contraste violento. As economias nacionais aqui representadas, incluem vinte, cuja vulnerabilidade ante os ventos variáveis do intercâmbio mundial, está manifestada uma vez mais, agora mesmo que estamos aqui reunidos, e uma que está mais perto da auto-suficiência do que qualquer outra do mundo. Os povos que infundem a esta reunião sua fôrça propulsora, são os americanos do Sul, cujo futuro depende de poder levar adiante a revolução industrial e agrícola, que apenas se iniciou há pouco tempo e os americanos do Norte que há muito lograram alcançar nível de vida que é o maior do mundo». Acrescentou ainda que, a tarefa do Banco se destaca com absoluta clareza e que deve ser: «Ajudar a elevar o nível de vida e levantar o padrão econômico das Repúblicas da América Latina».

O MINISTRO DE CUBA E FAMÍLIA

E' tradicionalmente conhecida a gentilezc cubana. Quando se trata de manter a reputação mui justamente conseguida, os cubanos são então de atenção ilimitada para com os que procuram conhecer maiores detalhes a respeito de seu país. Fomos recebidos em seu apartamento pelo sr. Gustavo Gutiérrez Sanchez, senhora e a filha do casal, senhora Yolanda Gutierrez Ovarrez. Não havia como deixar passar a oportunidade de trazer à reportagem alguns flagrantes sociais e algumas notícias interessantes.

A senhora Yolanda, filha do Ministro da Fazenda de Cuba, é casada com um engenheiro que também acompanhou a delegação e aproveitou a oportunidade para realizar estudos em nosso país. Conhece finanças e política, mas falou sôbre turismo:

— «Estamos maravilhados com as belezas do Rio de Janeiro. E' a primeira vez que venho a êste magnífico país e acredito que as emoções permanecerão enquanto viver. Corremos os pontos pitorescos da cidade e encantamo-nos particularmente com Copacabana».

— Tem estado sempre em Petrópolis?...

— «Não, — e tomou a palavra o sr. Ministro — minha família tem estado no Rio de Janeiro, aproveitando a permanência nesta maravilhosa capital brasileira para se distrair».

— Excia.: é a primeira vez que vem ao país?

— «Não. Já estive no Brasil antes de desempenhar as minhas atuais funções. Desta vez, como da outra, sempre atarefado com questões de Estado, não desfrutei plenamente o prazer de entrar em contato com o povo amigo. Gostaria de conhecer mais de perto os seus costumes, suas tradições e conviver com esta gente que tanto se parece com a nossa».

Notávamos que a senhora Gutierrez desejava aduzir algum detalhe que escapara ao seu marido:

— «E' que sucedeu algo interessante num restaurante de Copacabana e que poderá, quem sabe, servir ao jornalista para completar com um fato pitoresco a sua reportagem: Como era natural, a nossa curiosidade — assim que nos desobrigamos das imposições protocolares — levou-nos a um restaurante carioca para provar a comida típica brasileira. O garção olhou-nos com ares de pouco caso e disse que a comida nacional era partido de última categoria e que sòmente era servida em algumas casas tradicionais no Estado da Bahia, e assim mesmo sem grande aceitação».

E êles não comeram a «bóia» brasileira.

— Qual foi, sr. Ministro, o aspecto do Rio de Janeiro que maiores impressões desfavoráveis causou a V. Excia.

— «As favelas. E' oportuno acrescentar que, durante muitos anos, o nosso país sofreu a mesma angustiosa situação de intranqüilidade, provocada pela inexistência de meios capazes de debelar o mal, até que os governos, mobilizando todos os recursos possíveis tomou uma arrojada atitude e atacou frontalmente o proble-





OS MINISTROS DO HAITI E VENEZUELA, FAZEM «ECONOMIA» E COMPRAM JÓIAS...

Leiam

A CENA Muda

. NOVA
. MODERNA
. DIFERENTE

PREÇO 4 CRUZEIROS

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON. nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................
RUA.................... Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR
HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.........................
RUA.................... Nº.....
CIDADE.............. ESTADO..............

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Maomé, fundador da religião muçulmana, morreu:
— **Supliciado?**
— **De febre maligna?**
— **Em um naufrágio?**

2—Quantas valsas deixou Johan Strauss:
— **Mil e cem?**
— **Duzentas e trinta?**
— **Quinhentas?**

3—Com que idade Bernardin de Saint Pierre escreveu a famosa obra «Paulo e Virgínia»:
— **Oitenta e um anos?**
— **Trinta e dois?**
— **Cinqüenta e cinco?**

4—A famosa Muralha da China estende-se entre:
— **A China e a Mongólia?**
— **A China e a Rússia?**
— **A China e a Índia?**

5—Qual destas Bibliotecas é a mais antiga:
— **A Biblioteca Pública de Nova York?**
— **A de Lenigrado?**
— **A Nacional do Rio?**

6—Quantos quartos possui o Vaticano:
— **Oitocentos e trinta e dois?**
— **Doze mil?**
— **Mil e quarenta e oito?**

7—Em que ano se realizou o primeiro censo no Brasil:
— **1900?**
— **1890?**
— **1872?**

8—Em qual dêsses Estados floresce o coqueiro chamado «dendezeiro»:
— **Na Bahia?**
— **No Rio Grande do Sul?**
— **No Paraná?**

9—Qual destas estradas possui maior quilometragem:
— **Rêde Mineira de Viação?**
— **E.F. Central do Brasil?**
— **Viação Férrea do Rio G. do Sul?**

11—Que instrumento inventou Joseph Ignace, Guillotin:
— **O machado?**
— **A serra?**
— **A guilhotina?**

11—Perto de que mar se situa a cidade de Meca:
— **Vermelho?**
— **Morto?**
— **De Azov?**

12—Como se chamava a mãe de Nero:
— **Aspásia?**
— **Agripina?**
— **Cláudia?**

13—Em que ano subiu Nero ao trono:
— **54 da era cristã?**
— **60?**
— **95?**

14—Onde se abrigavam os primeiros cristãos:
— **Nos montes?**
— **Nas catacumbas?**
— **Nas grutas?**

15—Qual era a santa prima da Virgem Maria:
— **Santa Joana?**
— **Santa Isabel?**
— **Santa Ana?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — De febre maligna; 2 — Quinhentas; 3 — Oitenta e um anos; 4 — A China e a Mongólia; 5 — A Nacional do Rio (1810); 6 — Doze mil; 7 — 1872; 8 — Na Bahia; 9 — Rêde Mineira de Viação; 10 — A guilhotina; 11 — Vermelho; 12 — Agripina; 13 — 54 da era cristã; 14 — Nas catacumbas; 15 — Santa Isabel.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

DIZE-ME ONDE ANDAS

PAULO SOLEDADE

● É muito interessante se observar os diferentes gostos das pessoas que saem à noite para se divertir. Dependendo do grupo, tipo, nível intelectual ou social, as preferências são variadíssimas, e não é difícil encontrar-se quem queira ensinar a nós contribuintes da noite, com a infalível presença, e quando em vez alguma despesa. Isso aconteceu outro dia, quando um grupo de pessoas influentes num dos estados do sul, veio comemorar uma nova nomeação para algum cargo federal. Reunidos na residência de amigos comuns, fomos atingidos com a sugestão de um dos elementos da caravana que nos convidava para encerrar a noite num bar por êle freqüentado. Fácil é imaginar-se a surprêsa que se apoderou de quantos tomavam parte na festinha. Estava tão bom ali. Todo mundo satisfeito. Porque motivo haveríamos de sair para enfrentar o desconhecido lugar que cujo nome havíamos sequer escutado falar? Mas a instância foi grande e o grupo se desfez. Os que sabiam de coisas da noite ficaram, e dos outros nunca mais ouvi notícias. Êsse é o tipo de forasteiro que não se deixa levar pela experiência dos da terra e contribui para a subsistência dos mil e um bares que infestam a cidade. Não achamos errado cada um procurar o ambiente que mais lhe apraz, porém sugeriríamos aos de fora, especialmente aos que não têm em seu estado o gênero de diversão que está em moda, aqui, trazido pela grande afluência de estrangeiros do após guerra, que observassem onde as pessoas de certa categoria freqüentam e assim estarão livres de se comprometerem em lugares que não se recomendam à sua posição social. Aproveitamos também a oportunidade para dizer que a preferência dos homens que conhecem êsses segredos, por determinados bares, é em função da boa qualidade de sua bebida, ou da comida e não raro da música por êles oferecida, sem considerar que as pessoas também podem ser julgadas pelos lugares que freqüentam. E que no Rio não há nada para ser descoberto especialmente por quem vem de fora.



MARIZE SOBRAL — Foi descoberta de Renata Fronzi para a temporada de 53 no teatrinho Jardel. Estêve no Casablanca e agora faz parte do elenco de «Brasil 3.000» no Serrador.



SÔNIA GREIS — Trabalhou na televisão em São Paulo, tomou parte em «show» pela primeira vez numa tentativa que a buate Lord fêz, e passou ràpidamente para o Esplanada no «show» «Clarins em fá».



FRANCISCO SERRANO — Estêve com Zilco Ribeiro, foi para o Casablanca em «Feitiço da Vila», seguiu para São Paulo com Renata Fronzi, e está novamente no Rio. Canta, dança e representa. Elemento útil de «Brasil 3.000».

DIVERSAS

● IVETE MARCIA é a nova aquisição do «Drink». Cantora jovem, vinha se apresentando nas «matinées» do Night and Day. Agora está também na buate de Djalma Ferreira que continua sendo a casa mais concorrida da noite no gênero.

● ARI BARROSO contou que nunca havia assistido a nada mais autêntico em matéria de música popular brasileira do que foi Sílvio Caldas e Elizete Cardoso no «Oásis». Disse também que foi necessário o prestígio de Caboclinho para que êle Ari pudesse entrar na buate que estêve superlotada durante tôda a temporada dos dois grandes cantores.

● MENINAO EXPLICOU que não tem sócios no Esplanada. Que paga o aluguel para Don Cicilo e uma percentagem nos lucros. Contratou Nora Ney e disse que a grande surprêsa será Júlia, bailarina que foi grande sucesso no «Bal Tabarin» em Paris, que estêve no Copacabana com seu partenaire Darvas, que voltou depois de se exibir nos Estados Unidos a fim de não perder o direito à carteira 19 (permanência no Brasil) e que vai cantar para variar. Deverá se exibir no Esplanada também o cantor Jorge Goulart.

● FARA PARTE do «show» do Oásis depois da temporada de Sílvio e Elizete Cardoso, o compositor Ataulfo Alves e suas pastoras. Concorrendo êste ano ao prêmio da Prefeitura com músicas de grandes possibilidades, é no samba «Você não quer nem eu» que Ataulfo deposita grandes esperanças.

● FOI CASUALMENTE que tive oportunidade de observar um fato relativamente curioso. Eram aproximadamente 4 horas da manhã, por conseguinte 15 minutos antes de que clareasse o dia (o sol está aparecendo muito cedo ùltimamente), já me dispunha a voltar para casa, e ao despedir-me de um amigo no «Coli-Bar» esbarrei na porta com uma das figuras mais conhecidas da noite carioca. Valdemar Maria Bonbonatti. Industrial, às vêzes, depois some alguns meses, volta político, acabam as eleições, passa a atleta (joga futebol de areia muito mal) e volta a industrial. Valdemar Maria chegou só, àquela hora, e isto me surpreendeu. Indagado pelo motivo daquela extravagância respondeu-me que, estivesse onde estivesse durante a noite, se encaminhava para ali a fim de fazer a última refeição ou seja um «filet» cuja carne vem especialmente de Caxias para aquêle bar-restaurante. Quando estávamos quase na hora de sair novamente, surgiu Luís Teles (ex-integrante do conjunto vocal «Quitandinhas Serenaders») que depois de se apresentar durante anos nas buates do Rio e de outras capitais foi abrir estrada no Amazonas e já está de volta. Surprêso, indaguei a razão de sua preferência e contou-me outra história a respeito de uma sopa especial que ali é feita para os homens da madrugada. Devo confessar que não experimentei nenhum dêsses pratos, porém não posso deixar de reconhecer a grande autoridade dêstes dois notívagos em se tratando de comidas e bebidas.





A mais representativa das «estrêlas» c
nema italiano (que é o acontecimen
nematográfico mais importante do

gue
cla
te

Lollobrigida (no Galeão) afirma:

GOSTARIA DE FILMAR NO BRASIL

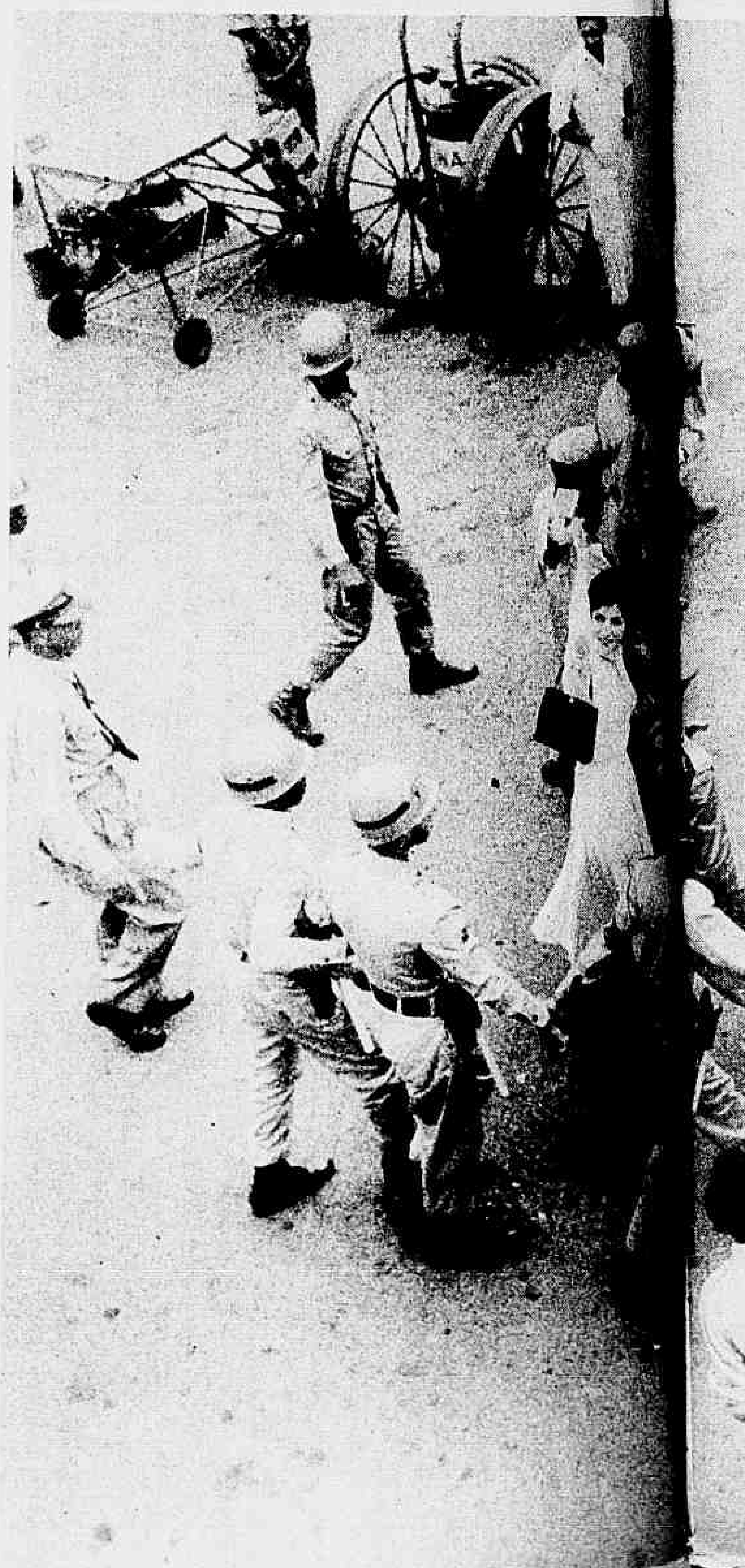
A chegada de uma estrêla em atraso — Gina em carne e osso — A hora dos empurrões — A voz de Gina — O marido — Gina protegida pela polícia — Sòzinha — A "estrêla" italiana diz adeus ao Brasil

DEMÓSTENES VARELA

● GINA EM PESSOA — Gina é menor do que parece, mais magra e mais pálida. Talvez cansaço da viagem, não sei. Pareceu-me também muito tímida, ou porque já soubesse do que os fãs haviam feito a Ava Gardner, ou porque realmente a multidão a assustasse. De vez em quando estacava — e delicadamente o marido, Mirko Skovik dava-lhe um empurrãozinho. Então ela continuava, sorrindo para todo mundo.

● O PÚBLICO — O público não era grande, primeiro porque Gina é uma atriz européia e o cinema europeu entre nós não conta com o apoio geral do povo, e segundo porque já havia dado um «bôlo», não chegando da primeira vez. Assim mesmo, numa tarde quente e sem sol, havia muita gente suando e torcendo pela bela Lolô.

Lollobrigida vestia-se completamente de lã branca, saia rodada e blusa olímpica. Devia





guerra) acaba de passar pelo Basil e declara sinceramente: «Gostaria de filmar neste país». Não haverá quem se habilite?







Pobre Lollobrigida — todo mundo se sente com direito a perguntar. E ela, terá direito a responder só o que quiser?

LOLLOBRIGIDA É COMO É: SIMPLES, BONITA, RISONHA E TÍMIDA



Gina com o marido. Distraído? Ninguém acredita. Skovic é médico, e portanto, calmo. Olha, sem sorrir, mas no fundo, sabe quem manda em Gina.



morrer de calor, e reclamou logo uma salada de frutas. Foi a única coisa que comeu aqui, e pelo jeito, devia ter gostado.

● OS REPÓRTERES — Os repórteres pareciam mais impacientes do que o próprio público. Inquietos, ofegantes, iam e vinham aguardando que a sala da Polícia da Aeronáutica se abrisse. De vez em quando vinha uma mensagem:

— Gina não demora.

Demorou. Quando a porta se abriu, todos se precipitaram em massa sôbre a «estrêla». E começou o bombardeio:

— Que acha de «Pão, amor e fantasia»? Gostou de Marilyn Monroe? Viu o «Cangaceiro»?

Gina é gentil. Naturalmente respondeu a todo mundo. Achava Marilyn uma moça interessante. Havia visto e gostado do «Cangaceiro». Reconheceu Vanja Orico numa revista.

● NOSSAS PERGUNTAS

— Gina, você não filmaria no Brasil?

— E' claro, respondeu ela. Mas não fui convidada.

E depois:

— Êste país é uma beleza. A paisagem...

E demorou-se elogiando o que vira.

Fizemos algumas perguntas sôbre cinema europeu, e ela mostra-se vaidosa do sucesso italiano.

— Tudo começou com o néo-realismo, disse.

E instada por nós, afirmou que seus diretores prediletos eram De Sica e Rosselini. Não esqueceu Lattuada, e elogiou a todos. Depois, falando sôbre a beleza das italianas, disse:

— Nos estúdios há muita moça anônima bonita. Não quero falar a meu respeito, mas qualquer uma delas poderia ser uma «star» de primeira grandeza.

— Moça bonita há, respondemos, mas e talento?

Gina sorri:

— E' possível que haja talento também.

Não havia tempo para outras perguntas — Gina estava sendo requisitada por novos repórteres.







Com fome, é claro. Ei-la experimentando a salada de frutas do Aeroporto. Paciência, Gina, a glória é assim. Mas, breve, na Itália, você descansará.

Benjamim Vargas sensacional

"FUI À EUROPA ESTUDAR BALLET"

O DEPOIMENTO DO IRMÃO DE VARGAS ★ DEFESA PREPARADA ★ A FRASE CAPITAL ★ ÚLTIMO DIÁLOGO DO CEL. ADIL ★ VARGAS SÒZINHO ★ VIAGEM À EUROPA ★ GREGÓRIO TACITURNO

Reportagem de DEMOSTENES VARELA

ALI se achava finalmente o herói de tantas ocorrências famosas. Diante dêle, aquêle que outrora comandara no Sul, o não menos famoso «tenente» Gregório. Ia-se afinal iniciar o interrogatório, e Benjamin Vargas, tido por todos como um homem frio, mostrava-se inquieto, as mãos apoiadas à mesa, a fim de não denunciar sua perturbação. Assim mesmo, quando acendia um cigarro, via-se que suas mãos tremiam.

● COMO A DEFESA SE ORIENTAVA — A defesa do sr. Benjamin Vargas estava sendo orientada pelo advogado Carlos de Araújo Lima e tinha um fito principal: desviar a atenção do atentado da rua Toneleros, incidindo sôbre fatos que poderiam justificar o gesto extremo de Vargas. Assim, vinha com uma série de argumentos prontos, a que Benjamin Vargas apenas teria de responder dòcilmente «sim» ou «não». Podemos citar dois exemplos diferentes. Um dêles:

— Não é verdade, perguntou o advogado, que Carlos Lacerda desejou ingressar na Escola Superior do Exército, e que para isto solicitou ao sr. Juarez Távora que pedisse licença a Vargas e que êste havia respondido «O Lacerda é inteligente mas muito mal educado. O Juarez que o eduque». Não é verdade?

E o sr. Benjamim:

— Sim.

Outro exemplo.

— Teria o sr. Getúlio Vargas, indaga o advogado Araújo Lima, cientificado o sr. Benjamim que era contra o aumento dos militares?

A esta altura, indignado, o sr. Sobral Pinto, auxiliar de acusação, interveio com enérgico protesto.

● A PERGUNTA CAPITAL — Pode-se dizer que ficou sobejamente patenteada a inteligência do sr. Benjamim Vargas neste seu primeiro interrogatório. Hàbilmente êle desviou-se de tôdas as perguntas importantes, até que o sr. Francisco Baldessarini conseguiu arrancar-lhe a confissão máxima, não consignada pela imprensa:

— Porque evitou o sr. narrar a Getúlio Vargas o que ficou sabendo na estrada Rio-Petrópolis?

E Benjamim Vargas titubeando pela primeira vez:

— Se o Gregório não contasse, eu o levaria a fazê-lo. Até disse ao Presidente que podíamos ficar tranqüilos, que o Gregório acabaria confessando.

Estava revelado que Vargas sabia de tudo. O juiz consignou a revelação num aditamento ao depoimento.

● OUTRO DESCUIDO — Mas pela segunda vez o sr. Benjamim Vargas iria deixar-se enredar pelas perguntas dos advogados. Foi quando um dêles inquiriu:

— O senhor hoje considera Gregório como um traidor?

O olhar do inquirido pousou vagamente sôbre o prêto que se achava diante dêle:

— Tudo depende do seu comportamento no decorrer dêste processo.

Era mais do que uma ameaça velada a Gregório — era uma promessa.

● ÚLTIMO DIALOGO ENTRE VARGAS E O CORONEL ADIL — Outro ponto importante esclarecido durante o interrogatório, e que consta do vasto depoimento do coronel Adil, é da sua capital entrevista com Vargas — a última — em que se tratou do processo em curso. Já amplamente conhecedor do assunto, e notando o profundo abatimento de Gregório, o coronel procurou Vargas para informá-lo do que se passava. Vargas, com os olhos cheios de lágrimas (depoimento Adil) indagou:

— Mas que eu hei de fazer, coronel?

— Impedir êste suicídio, declarou Adil.

— Como?

E o coronel, minuciosamente, relatou-lhe quais as providências que deveriam ser tomadas. Vargas prometeu cuidar de tudo com a maior rapidez. Dias depois, inquieto com o estado cada vez pior de Gregório, o coronel procurou dona Darci a fim de se informar se o seu marido havia cuidado do assunto. Dona Darci foi peremptória:

— Nunca me falou sôbre isto, disse, nem sei do que se trata.

Tranqüilo, Vargas parecia aguardar em silêncio a morte de Gregório. Mas como se viu, o desfêcho foi outro.

● O HOMEM SÒZINHO — De todo o inquérito, um outro fato, comentado pouco após o suicídio de Getúlio, e sem confirmação positiva, ficou perfeitamente esclarecido. Getúlio, nos últimos tempos, vivia completamente abandonado no Palácio. Hábitos antigos do seu tempo de gaúcho, e gaúcho da fronteira, renasciam-lhe como por encanto. O peão acordava trazido do fundo da idade, e êle ia dormir em companhia do seu fiel amigo Gregório, esquecido da sua posição, da sua dignidade de chefe, completamente olvidado pela família.

O advogado Baldessarini, enfrentando êste ponto, que possìvelmente é um dos mais dolorosos neste processo sombrio do crepúsculo de um chefe de Estado, indagou se era ou não verdade o que se dizia a êste respeito.

Benjamim Vargas recusou-se a responder e abaixou a cabeça.

● O CASAMENTO E «BALLET» — Que fazia na Europa o sr. Benjamim Vargas? Desta vez êle não titubeou:

— Fui estudar «ballet». Queria saber como a gente de lá se divertia, freqüentei «boites» e teatros.

— E qual foi o resultado a que chegou? — indagou o advogado.

— De tudo o que vi, fiz um relatório que enviei ao Prefeito.

● CONCLUINDO — Houve um detalhe que não pode ser deixado em silêncio. Sabe-se que o chefe efetivo de Gregório era Benjamim Vargas, o único a quem êle realmente prezava. No momento de comparecer perante o juiz, Gregório esperava com certa ansiedade que seu antigo comandante lhe dirigisse a palavra, que pelo menos o cumprimentasse. O sr. Benjamim Vargas no entanto, nem sequer dirigiu um olhar ao prêto que o fitava atônito. Nem um olhar. Gregório compreendeu e abaixou a cabeça. Durante todo o interrogatório manteve-se assim, cabisbaixo e humilhado. Sem dúvida aquela era a prova que não esperava.

Note-se que, em todo êste caso, a família Vargas sempre pareceu contar com o caráter de Gregório. Ainda agora, contam com o seu silêncio, conforme o próprio Benjamim declarou. E poderão contar, pois o caráter de Gregório existe. Um mau caráter, mas ainda assim caráter. Êle próprio tornou isto público, no seu famoso grito diante do microfone: «E' preciso haver caráter». Sem dúvida, como um homem que naufraga, ia sentindo atolar-se na lama mole de todos os desfibrados que o cercavam. Esta é a impressão de muitos, inclusive advogados contrários.

Ouça os melhores
cantores do Brasil
exclusivos da

RÁDIO RECORD

• Carlos Galhardo
• Carlos Galindo
• Dorival Caymmi
• Luiz Vieira
• Maurici Moura
• Nelson Gonçalves
• Osvaldo Rodrigues
• Roberto Amaral

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts
ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

● SÃO PAULO E A VICE-PRESIDÊNCIA — Logo após o lançamento da candidatura do sr. Juscelino Kubitschek à Presidência da República, pelo PSD, foram reencetadas em São Paulo novas conversações em tôrno da vice-presidência que, agora mais do que nunca, reivindicam os paulistas para Piratininga. Tal a determinação de São Paulo em conquistar o segundo pôsto da República que ninguém quer, no momento, saber de nomes. A primeira preocupação dos paulistas é garantir para si o pôsto, para depois entrar no terreno da seleção dos candidatos. Lucas Garcez (que se absteve na escolha de Juscelino Kubitschek) é apontado como o elemento capaz de aglutinar os diversos partidos em São Paulo, com exceção apenas do PSP (Ademar) o qual seria cindido uma vez que, lançado Garcez, o chamado «paulistanismo» falaria mais alto que as divergências partidárias e pessoais. De qualquer maneira o PSD enfrentará um perigoso dilema: ou dá a São Paulo a Vice-Presidência ou terá contra Juscelino os 2 milhões de votos da terra do café.



Senhoras e senhoritas abrilhantaram as reuniões de São João da Boa Vista. Aqui vemos as gentis filhas do industrial Salzano Fiori, de Campinas.

● MUITO INTERESSANTE o Pavilhão Philips em Ibirapuera. Vale a pena ser visitado, o que muita gente tem feito a contar de 1 do corrente.

● O TELEGRAMA DE GUDIN ao sr. Antônio Devisate, congratulando-se com o presidente da FIESP pelo discurso de São João da Boa Vista, surpreendeu agradàvelmente os meios industriais de São Paulo. Gudin (que vinha adotando uma política quase ríspida em relação a São Paulo) ganhou novos amigos na paulicéia, que, agora, acreditam no seu propósito de garantir as simpatias de homens de negócios de São Paulo.

● JANIO CONVIDOU o deputado Dagoberto Sales (Paranapanema) para a Secretaria de Viação. A notícia, que depende ainda de confirmação, teve a melhor receptividade. Dagoberto Sales (39 anos, engenheiro) foi contemporâneo de Garcez na Escola Politécnica.

● DILEMA PARA GUDIN é o pôrto de Santos, atravancado como se encontra de mercadorias importadas como bagagem e retidas naquela praça marítima em virtude de lei. Centenas de automóveis apodrecem ao relento, juntamente com milhares de geladeiras e outras máquinas. A situação irá, na certa, carrear novas antipatias para o ministro da Fazenda, caso o mesmo não tome as providências que se fazem necessárias.

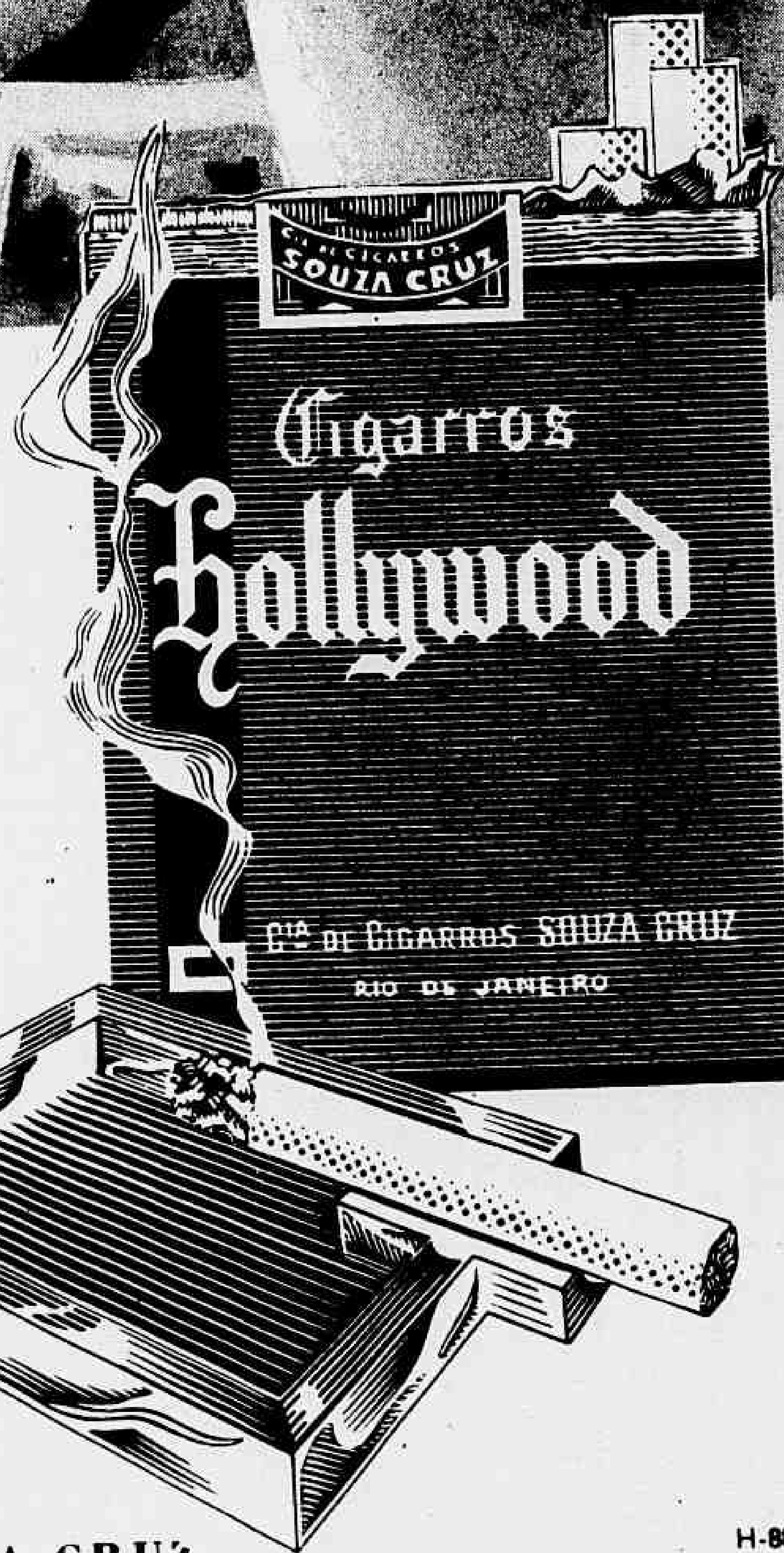
● MARIO EUGÊNIO NA FAZENDA. Os últimos rumores sôbre o futuro secretariado do sr. Jânio Quadros dizem ter o governador eleito de São Paulo convidado o deputado Mário Eugênio (ex-presidente da Caixa Econômica) para a Secretaria da Fazenda. O gesto do sr. Jânio Quadros é interpretado como uma homenagem à atuação do sr. Mário Eugênio junto ao govêrno do sr. Lucas Nogueira Garcez.

● CASTILHO ADMITE A CANDIDATURA do sr. Jânio Quadros à sucessão presidencial. Admitiu o deputado Carlos Castilho Cabral a possibilidade do lançamento da candidatura do governador de São Paulo, em contraposição à do governador de Minas. Para isso contaria o sr. Jânio Quadros com o apoio do PTN, do PSB, do PRT e de parte da UDN.

● ASSOCIAÇAO COMERCIAL E PETRÓLEO. Em recente discurso disse o sr. João de Pietro, presidente da Associação Comercial de São Paulo, ser favorável à participação de capitais estrangeiros na exploração do petróleo nacional. O líder conservador teceu ainda várias considerações em tôrno do assunto, terminando por afirmar ser a Petrobrás inexequível.

● SAO JOAO DA BOA VISTA. Ainda repercutem os efeitos do grande conclave de industriais ali realizado. Não foi apenas uma reunião para assuntos sérios, aliás, tratados com saber e objetividade. Foi um encontro cordialíssimo de brasileiros do qual hão de resultar, não sòmente bons negócios, porém amizades duradouras. Outras reuniões semelhantes, deverão ter lugar. Porque as suas conseqüências são as mais sadias e úteis que se podem imaginar.





– Tem razão...
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

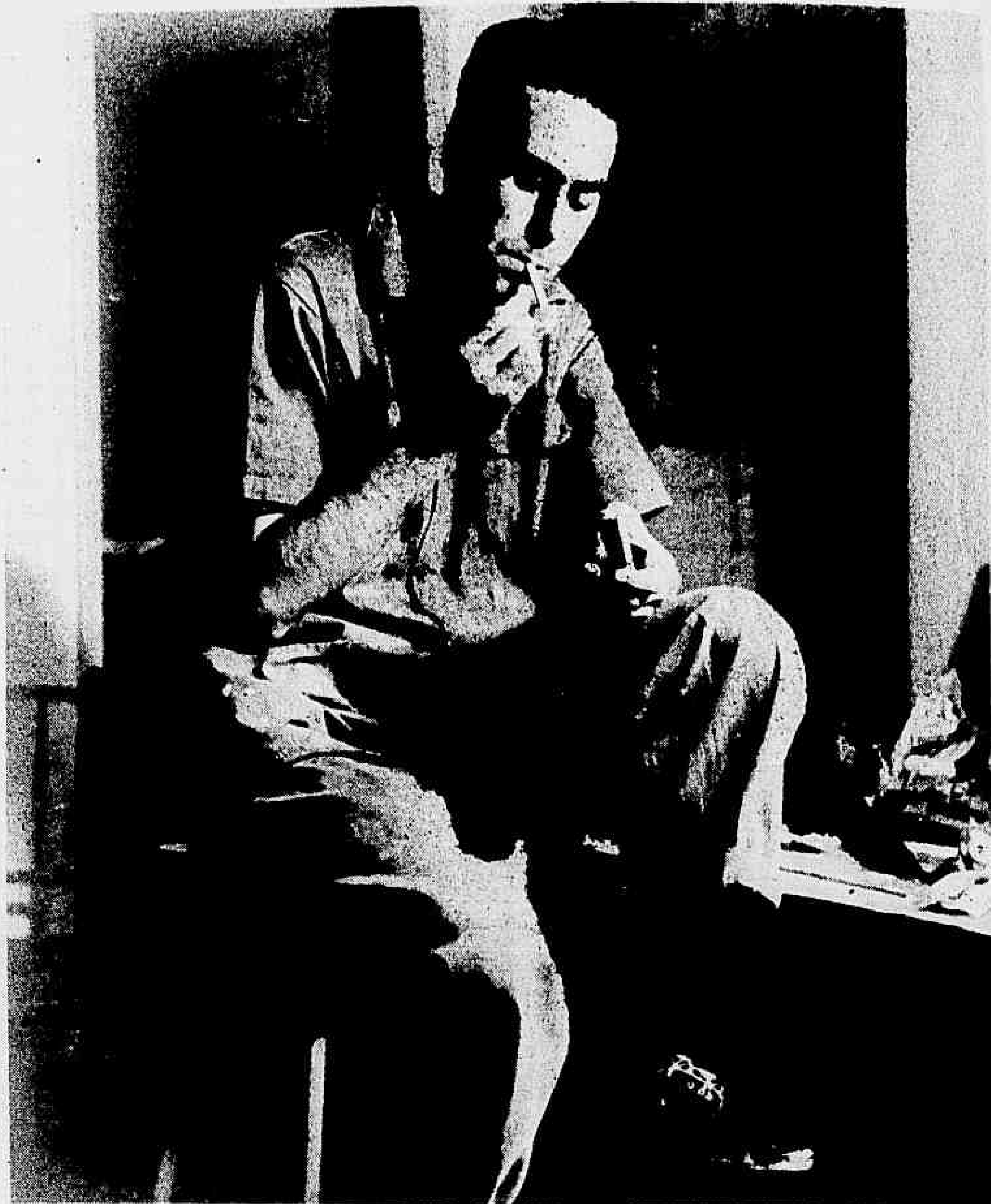
hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287





Iberê Camargo revolucionário:

"NÃO ADMITO QUE UNS MORRAM DE FOME E OUTROS DE INDIGESTÃO"

Fatos que mais o impressionaram ★ Evolução das Artes Plásticas no Brasil ★ Pintores prediletos ★ Nosso Museu de Arte Moderna ★ Cinema e pintura ★ Teatro e pintura ★ Matisse ★ Autores italianos ★ Mensagem ao público

Reportagem de ALDNEY PEIXOTO

Ping — Como começou a pintar?

Pong — Desde bem pequeno já sentia em mim o dom da pintura.

Ping — Teve alguma influência decisiva em sua arte?

Pong — O contato com a Europa não me podia deixar indiferente.

Ping — E na vida, contou com a colaboração de algum amigo?

Pong — Posso destacar bem três pessoas: Décio Soares de Souza, Moisés Vellinho e Luís Aranha. E, naturalmente, minha espôsa.

Ping — Que fato mais o impressionou em sua carreira artística?

Pong — A seriedade com que na Europa se encara a arte em geral.

Ping — Que pensa de sua viagem à Europa?

Pong — Foi-me de grande valia. Sinto não poder refazer essa viagem. Porque a verdade é que da segunda vez é que se aprende de fato...

Ping — Acredita que exista alguma evolução no terreno das artes plásticas no Brasil?

Pong — A chamada arte acadêmica é hoje uma arte agonizante. Há na verdade uma evolução.

Ping — Que aconselharia a favor dessa evolução?

Pong — Dever-se-ia dar ao artista uma função. Aproveitar, por exemplo, a lei que está na Câmara como ante-projeto, para que todo edifício público fôsse decorado por um artista.

Ping — Tem idéias políticas?

Pong — Não admito que uns morram de fome e outros de indigestão. Se isto é ter idéias políticas...

Ping — Que faria a favor da classe, caso tivesse oportunidade?

Pong — Conforme tive ocasião de salientar ao Ministro da Educação, faria por onde se proteger ao artista, pois é protegendo-o que realmente se protege a arte. Dever-se-ia ter um Palácio de Arte, onde todos pudessem expor seus trabalhos.

Ping — Quais seus pintores prediletos? Por quê?

Pong — Dos antigos, Tintoreto e Piero della Francesca. E' muito difícil dizer porque se ama uma coisa.

Ping — Acha imprescindível ao artista uma viagem à Europa?

Pong — Para os que não residem lá...

Ping — Que acha da atuação de nossa Escola de Belas Artes?

Pong — Pelas pessoas que a dirigem, das quais conheço algumas, deve cumprir bem a finalidade que lhe é imposta.

Ping — E sôbre a moda das «escolinhas», que pensa?

Pong — Não tenho contato direto com elas, mas acredito que também cumpram suas finalidades.

Ping — Como encara sua atual maneira de pintar?

Pong — Acho certa e justa. E' a única maneira autêntica de expressar a verdade — e se não fôsse assim, não existiria razão para que eu pintasse.

Ping — Há alguma coisa que gostaria de fazer mais do que pintar?
Pong — Gostaria de pintar mais.
Ping — Qual considera maior, Cezanne ou Van Gogh?
Pong — Não há comparação possível. Os dois são autênticos, e a única comparação ou paralelo que se pode estabelecer, é que viveram a mesma época e tiveram os mesmos problemas.
Ping — Que pensa do nosso Museu de Arte Moderna?
Pong — Recuso-me a responder.
Ping — Pretende realizar alguma exposição em breve?
Pong — Não. Agora preciso recompor novamente o meu material.
Ping — Pretende expor noutra cidade?
Pong — Gostaria de expor no Rio Grande do Sul.
Ping — Qual o fato que considera essencial em nossa evolução — quer seja histórico, artístico ou social?
Pong — Já está historicamente evidenciado que o movimento modernista começou com a Semana de Arte Moderna.
Ping — Que pensa sôbre a crítica à sua obra?
Pong — A crítica deve existir. Porém não pode influir no artista.
Ping — Acredita que exista uma conexão entre pintura e cinema?
Pong — Eu sou em cinema um simples observador. Mas acho que o cinema deve muito às artes plásticas.
Ping — E entre pintura e teatro?
Pong — A cenografia colabora muito.
Ping — Matisse morreu recentemente. Como julga sua obra?
Pong — Não tenho predileção por Matisse. Era um grande pintor e eu o respeito.
Ping — Qual a evolução que segue seu trabalho atualmente?
Pong — Tenho uma preocupação acentuada pela côr. Sou um colorista.
Ping — Gosta de literatura?
Pong — Gosto. Não sou porém um profundo conhecedor da matéria.
Ping — Seus autores prediletos?
Pong — Não tenho predileção acentuada. Gosto de autores italianos. Isto se explica pelo fato de eu ter estudado na Itália.
Ping — Se se visse na impossibilidade de pintar, que trabalho escolheria para fazer?
Pong — Crítica.
Ping — Tem algum sentimento religioso?
Pong — Creio que tenho um sentimento profundo, mas estou certo de que com êle não poderei ser aceito em nenhuma seita.
Ping — E gostaria de dizer alguma coisa especial ao público?
Pong — Não tenho feito outra coisa senão dizer coisas especiais ao público, através da minha pintura.





● Iberê Camargo ocupa hoje um lugar de destaque especial em nossa pintura. Deve-se isto à sua personalidade marcante de mestre-colorista, no mais amplo sentido da palavra. Tendo conseguido através de seus quadros e gravuras dizer mais do que tudo o que se possa dizer a seu respeito, alcançou um conceito invejável em nossos meios artísticos. Homem de poucas palavras, consegue, no entanto, que sua pintura se exprima exuberantemente sôbre sua personalidade. Iberê é honesto e autêntico em sua obra, o que realmente o faz merecedor dos elogios que tem recebido. E a verdade é que Iberê Camargo tem arrancado da crítica os maiores louvores, devido única e exclusivamente ao dom inato que possui de produzir poesia com o seu pincel.





MISS MUNDO 1954

Antigoha Constanda, egípcia, 1m65, 59 quilos, manequim ,eleita Miss Mundo 1954, por unanimidade do públiço e do júri. Ganhou uma taça de prata, um ramo de flôres, um cheque de 500 libras e uma semana de estada em Paris. Além do mais, só fala em sua língua.

Por êsse Mundo de Deus



A ROSA TATUADA

A rosa, sem tatuagem nenhuma, é Ana Magnani, já em Hollywood, onde deverá filmar a famosa peça de Tenessee Williamms, que naturalmente se vê ao seu lado. O ator é Burt Lancaster, mas não figura nesta fotografia.





GARBO — A MISTERIOSA

Esta misteriosa criatura de óculos escuros chama-se Luisa Gustafsson, mas só nos passaportes. Na verdade chama-se Greta Garbo e o sujeito que aparece ao seu lado é o seu novo provável marido, Gustav Axelson Wallemberg. Apesar de serem vistos constantemente juntos, Garbo desmente tudo — e repete o seu famoso — I want to be alone. Quando se resolverá afinal o mistério desta divina solteirona?



JUVENTUDE PERDIDA

Tôda a América anda impressionada com a onda de delinquescência juvenil que varre o país. Eis dois jovens «gangsters» presos após feroz duelo com a polícia, em ruas da cidade de São Francisco. Recordam êles, particularmente, certas fisionomias entrevistas num filme italiano de título idêntico ao desta notícia.



SUICÍDIO CINEMATOGRÁFICO

Eis como se suicida no cinema. Corine Calvet, para seu novo filme, é molhada a fim de fingir que tentou se afogar num rio. A suicida sorri.



AMOR... AMOR...

Anuncia-se que Pier Angeli afinal está amando. Quem? O sorriso da foto não diz. Mas nós informamos que se chama Vic Damone, cantor de cartaz.



ESTEIOS DA GRANDE BATALHA — José de Paula e Silva, Haroldo Santos de Abreu e Virgílio, foram, ao lado de Humberto Dantas e Clóvis, grandes organizadores.



ANTÔNIO DEVISATE COMANDOU AS DISCUSSÕES, mostrando os erros do empirismo dos nossos políticos em matéria de economia e exportação brasileiras. Sentado, José de Paula e Silva.

Gente divertida e falante revolucionou São João da Bôa Vista

NA CONVENÇÃO DOS INDUSTRIAIS

Estudo da economia nacional por banqueiros, técnicos e religiosos na VI Convenção dos Industriais do Interior ★ 50 teses, acalorados debates, boa comida, ótima música, desfile de modas e um grande churrasco, deram trabalho e alegria a mais de 600 pessoas presentes.

Reportagem de
ALDERABAN CAVALCANTI

A pacata cidade de São João da Boa Vista, com sua vida industrial quase paralisada a falta de energia elétrica foi assaltada, nos dias 13 e 14 de novembro, por mais de 500 pessoas que promoveram um reboliço na vida local. Cêrca de 400 industriais, banqueiros, padres, obseravdores econômicos, jornalistas e administradores municipais, deram uma nova côr à cidade.

É que a VI Convenção dos Industriais do Interior teria que se realizar ali, com festas, churrasco, jantares, coquitéis e banquetes, além dos discursos e debates em tôrno dos mais graves problemas nacionais: escassez de matérias primas, cambiais e energia. E assim o salão nobre do Clube Sanjoanense ficou cheio de convencionais comandados pelo presidente da Federação e do Centro das Indústrias de São Paulo, Antônio Devisate, e do diretor do Departamento do Interior da FIESP, o malicioso e sagaz José de Paula e Silva que, quando a indiferença ia tomando conta do ambiente, êle, com sua habilidade, fazia voltar o calor às discussões.

EXALTAÇAO AO TRABALHADOR

Como ponto alto, registramos a perfeita organização do setor de divulgação, comandado por Humberto Dantas e Haroldo Santos de Abreu, que nada deixaram faltar à imprensa, ao rádio e à televisão, inclusive dirigindo, com segurança, os trabalhos de taquigrafia, fotografia, redação e dactilografia. Por outro lado, destacamos, aqui, os esclarecimentos feitos por Antônio Devisate sôbre os problemas trabalhistas nacionais, mostrando o quanto o SESI e os cursos de aprendizagem profissional (cêrca de 80) têm contribuído para elevar o padrão técnico dos nossos operários, dar uma nova mentalidade ao empregador e aos chefes de oficinas, mestres de obras e afastar a ignorância, o analfabetismo e sabotagem dos nossos meios industriais.

Devisate ilustrando cam cifras e fatos a sua palestra, combateu a indiferença de certos setores nacionais, o descrédito de certos indivíduos mal informados quanto ao operário brasileiro, exaltando as qualidades de aprender, obedecer e construir de que êste é possuidor, quando levado, por mãos habilidosas e direção



ARARAQUARA COM HÉLIO MORGANTI À FRENTE pediu «bis» e quer que as próximas convenções demorem três dias no lugar de dois.



BOTUCATU ENTROU TAMBÉM NO CARDÁPIO onde o petróleo era a comida mais perigosa para os mais diversos apetites dos convencionais.



RIO CLARO GANHOU A PRÓXIMA CONVENÇÃO (VII) — O seu líder José Ferreira foi um dos que mais trabalharam pelo êxito do conclave.



TAUBATÉ NÃO FALTOU a sua contribuição — Agitou os problemas do Vale do Paraíba, fêz propaganda da região e combateu os erros.

sadia, no caminho ao progresso; contra a doença, a miséria de seus lares, o analfabetismo e à mistificação de falsos líderes, demagogos exaltados e políticos inescrupulosos e inconseqüentes.

CONTRA O ATRASO E IMPROVISAÇÃO...

O caso da exploração do petróleo foi examinado e a maioria sòmente deixou de se bater pela intervenção de capitais estrangeiros depois da intervenção dos representantes do Banco do Brasil.

A maioria dos convencionais condenou os poderes públicos pela forma empírica como têm sido conduzidos os assuntos de relevantes interêsses para à indústria nacional e a improvisação no trato com os problemas econômicos do Brasil. O próprio Antônio Devisate, apontou, em discurso inaugural da Convenção, «o desinterêsse a indiferença e até mesmo a oposição de setores fundamentais da administração pública». Das 18 delegações, tôdas elas bem adestradas para os debates, não faltaram críticas aos políticos nacionais que, no dizer do delegado de Jundiaí, sr. Alberto Traldi, têm, ainda, a mentalidade do «Jeca Tatu», com mêdo de que o Brasil cresça por causa dos problemas correlatos a êsse crescimento.

A falta de energia elétrica, que grande prejuízo tem causado à indústria paulista foi examinada, inclusive pelo sr. J. J. de Oliveira Neto que lembrou aos deputados estaduais paulistas, estar na Assembléia Legislativa do Estado um projeto para a constituição da Companhia Hidroelétrica do Rio Pardo, que, se concluída, resolverá a situação de 38 municípios de São Paulo e de vários municípios mineiros, hoje prejudicados no seu desenvolvimento econômico e social por carência de energia elétrica. Emili Zogbi, delegado da FIESP em S. João da Boa Vista, condenou a intervenção estatal na economia do país, assim como o jacobinismo em relação a determinado setor político nacional que investe contra os capitais estrangeiros.

FRANQUEZA E TRABALHO

Atendendo a conclamação feita por José de Paula e Silva para que se usassem o máximo de franqueza e atenção durante os trabalhos dos convencionais, os chefes das delegações srs. Américo Alves Rodrigues (Botucatu), Antônio Magalhães Bastos (Taubaté), Antônio Braga (Santo André), Hélio Morganti (Araraquara), Alberto Traldi (Jundiaí), José Celentano (São José ro Rio Pardo), Amedeo Franciulli (Sorocaba), Américo Emílio Romi (Santa Bárbara do Oeste), Domingos Inhechi (de Ribeirão Prêto), José Cattaneo (Aguas da Prata), Osvaldo Moro (Aguaí), Mario Destro (Vargem Grande do Sul), Estevam Faraone (Americana), Antônio Fakhany (Descalvado), Pedro Salzano Fiori (Campinas), e José Ferreira, de (Rio Claro), concordaram na amplitude dos debates sôbre 50 teses apresentadas, usando de franqueza e tirando o palitó para enfrentar melhor o calor da região e da temperatura emocional das discussões.

O problema da mono exportação (sòmente café) foi amplamente debatido e os convencionais vão lutar, agora, para que o Brasil exporte produtos manufaturados e produtos agrícolas até hoje mal explorados industrialmente.

A noite do dia 13 o movimento foi intenso. Já haviam os convencionais asistido, por oferta do presidente da Companhia Hidroelétrica do São Francisco, general Carlos Berenhuser, um filme documentário sôbre Paulo Afonso, participando da Exposição Industrial da região, quando a FIATECE os convida para assistirem a um desfile de modas no salão de festas do Hotel São Paulo, onde lindas sanjoanenses apresentaram belos modelos, sob aplausos gerais. Logo após o desfile de modas veio o baile e ninguém ficou longe da festa que foi madrugada à dentro, numa alegria generalizada a qual aderiram velhos e brotinhos. E gostaram tanto da festa que Hélio Morganti, representante de Araraquara, lançou o pedido para que as próximas convenções demorem, em vez de dois, três dias.

No dia 14, após ouvirem os esclarecimentos feitos pelos srs. Romeu de Freire Lima e Henrique Capper Alves de Souza, respectivamente representantes dos diretores da Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil e da CACEX, os convencionais se mostraram agradecidos e emocionados com as palavras do general Otacílio de Almeida, vice-presidente da Federação de Indústrias do Rio de Janeiro que afirmou ser uma lição para os homens que desconhecem São Paulo, o desenvolvimento industrial e agrícola da terra bandeirante. Após o encerramento da Convenção, em meio de abraços afetuosos e palavras de simpatia, os convencionais rumaram para o Parque das Carpas onde um grande churasco (700 pessoas), os estava esperando. E foi durante o churrasco, com muito chope, mas sem discurso, que Emili Zogbi agradeceu ao sr. Antônio Devisate o presente que o SESI fizera, por intermédio do presidente da Federação das Indústrias aos sanjoanenses, de um completo gabinete dentário a ser instalado, brevemente, naquela cidade do interior paulista.



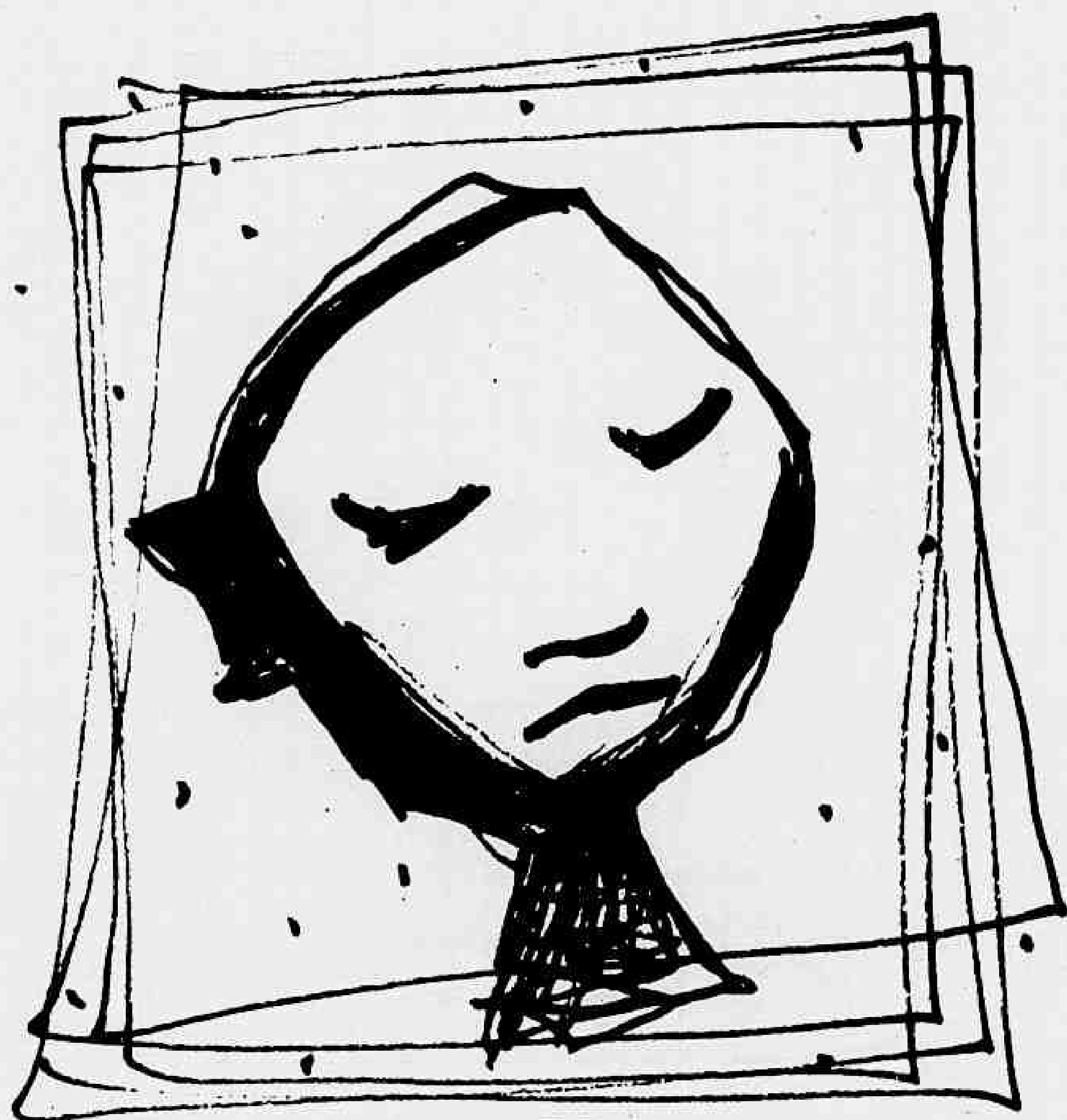
SANTO ANDRÉ TRABALHOU muito, manteve-se serena, atenciosa — Foi uma bancada assídua aos trabalhos, no churrasco e na festa.



CONTRA A TAXAÇÃO EXCESSIVA por parte do govêrno, combatendo as dificuldades impostas na aquisição de matérias primas Jundiaí brilhou.

SEVERINO

SEVERINO é o mais novo dos seresteiros. Quando canta, o corpo se estorce em espirais, e as mãos, sensíveis e belas mãos de dedos longos, traçam arabescos misteriosos no ar, num desenho milenar vindo da aurora racial. Severino tem a dignidade essencial dos artistas natos. Estafeta de uma casa comercial, o menino, quando vai à rádio desempenhar seu estupendo papel de seresteiro, veste o terno cinza de paletó comprido como uma sobrecasaca. E os vincos de suas calças são perfeitos. E a alvura dos sapatos brancos é comparável à brancura incomparável de seus dentes graúdos e sãos. Assim é Severino. Simples, essencial. Como as côres puras — branco e prêto — de seu corpo. Absoluto, como os sons que emite.



Hoje, que Severino não vai mais à rádio, posso vê-lo em tôda a totalidade de seu ser. E' sempre assim. A ausência exige de nós uma revisão dos julgamentos apressados que fazemos, insensatos, esquecidos de que a morte poderá sobrevir no momento seguinte. Não é o sentimento de nossa desaparição que move o desejo de fazer justiça. O jôgo defensivo que praticamos a vida inteira, para criarmos uma eternidade nossa e nos furtarmos à angústia da espera mortal, faz com que adiemos os derradeiros e cabais julgamentos próprios ou alheios. Mas eis que somos obrigados a situar a perecibilidade dos outros. E então, quando o fato acontece e sentimos o seu impacto, somos impulsionados pela necessidade de julgar melhor. Acontece que Severino não morreu para os outros. Para a sua mãe lavadeira, para seu patrão português ou para a caixa da loja, uma solteirona camarada que conhecia, admirava e protegia os pendores artísticos de Severino. Mas morreu para mim, que o não vejo mais e não recebo a claridade de seu sorriso largo.

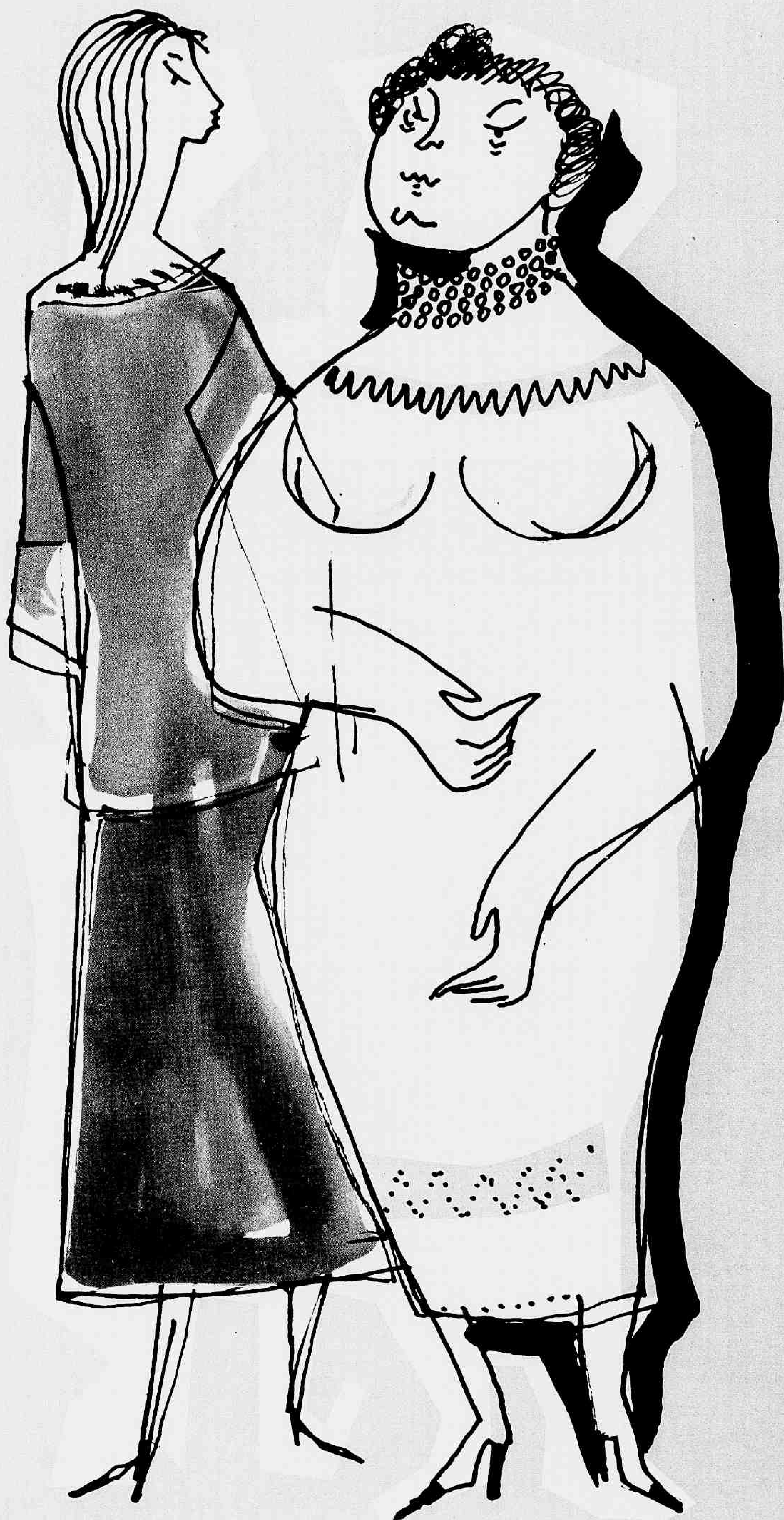
Agora, pois, situo Severino com a imparcialidade da memória. Agora que não preciso mais dêle nem êle de mim. Agora que não existe entre nós êsse terreno ilusório, carregado de concesseõs mútuas criadas pelo intercâmbio de necessidade, agora posso ver Severino. E reconheço que o pequeno sai ganhando com a tarefa retrospectiva que os fatos me impuseram. Vejo Severino cantando, simples, elementar. Todo entregue à sua arte funcional, ligada à sua vivência como se fôra o mais íntimo produto de seu corpo. Vejo Severino livre e solitário, independente no meio das outras crianças, super-protegidas e escravizadas. Vejo Severino produtivo, ganhando a sua vida e ainda dando um dinheirinho à mãe lavadeira, entre os filhinhos-de-mamãe, seus companheiros de rádio. Vejo Severino soberbamente seguro da arte que fluía de si, pujante como um rio caudaloso, ao lado daquelas crianças-prodígios tatibitates, inibidas pelos olhares de suas mamães, olhares vítreos e, muitas vêzes, ferozes e ávidos com os de aves de rapina. Vejo Severino, certo dia, alvo da atenção pedagógica da Dama das Camélias, esplêndida senhora que, em visita à rádio, inventa de ensinar ao menino como é que se pronuncia Dumont.. «Você faz que vai dizer «u» e na última hora diz «i». Severino, polido, manso, arruma a custo a enorme bôca embabada como quem vai dizer o «u» e, quando se pensa que êle, seguindo os conselhos da magnífica senhora vai pronunciar o esperado «i», alarga os lábios num sorriso fino, muito mais fino que a fina pedagogia da Dama-das-Pérolas. Lutam os dois durante algum tempo. Vejo-a perder seu tempo e seu francês de encontro à resistência passiva do garôto. E me espanto de que ela não perceba ser impossível a êsse menino sem nuanças fingir que vai dizer uma vogal e substituí-la por outra. Depois, vejo ainda Severino em um momento trágico de sua vida. Olhos magoados, narinas trementes, voz estrangulada, ferido em cheio pela agressividade da Senhora-do-Penteado-Complicado. Habituada a triturar e transformar em pasta informe os impulsos pessoais do marido, filha e amigos, esbarra, atônita, com a serena independência de Severino. Perde as estribeiras. «Logo se vê que é negro. Negro não tem vergonha». Severino tem. Não pode mais cantar. Foi enganado em sua boa fé. Sentia-se amado e a rádio era o seu reino. À agressão que sofreu ficam ligados o edifício da rádio e todos que ali militam. E' que Severino é absoluto como as côres de seu corpo. Severino é branco e prêto.

Assim, perdi Severino. Certamente terei culpa. Como foi que não percebi a impossibilidade de ter, no mesmo grupo, a Senhora-do-Penteado-Complicado e o menino simples? Como foi que, ao me perder em cismas na geografia misteriosa daqueles caminhos capilares, sem descobrir jamais se vinham da nuca para as têmporas ou vice-versa, como foi, pois, que não vi logo ser impossível conservar em equilíbrio estável a dona de caráter tão complexo e Severino, o puro, o genuíno? Porque não tomei logo a decisão de escolher e eliminar?

Hoje, pois, faço aqui uma castigada revisão de valores. Um verdadeiro expurgo em minhas relações sociais. Ponho no índex a magnífica Senhora-das-Pérolas. E a Senhora-do-Penteado-Complicado caiu em desgraça. Por favor, eu vos peço, se encontrardes Severino contai-lhe de minha auto-crítica.

Conto de GENI MARCONDES

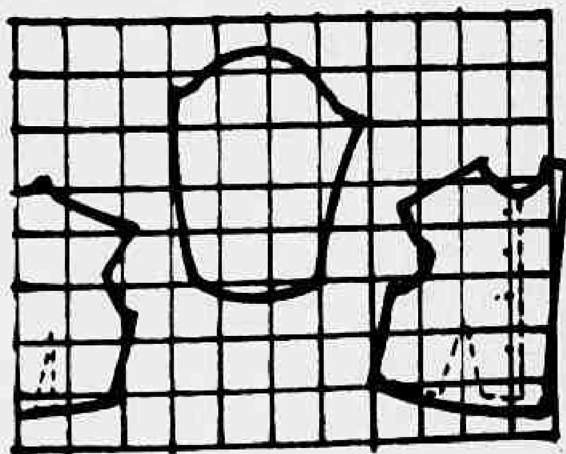
Desenho de DAREL



ELEGÂNCIA NO VERÃO

● *Modêlo de "tablier" em "piquê" azul claro com sugestivo decote e gola em fustão branco.*

● *Rina Modelli, criou esta original sugestão em linho. Blusa amarela calças justas quadriculadas em prêto e branco*



● ***Bolero de "piquê" branco muito fino, ajustado à saia de musseline rosa com "pois" negros. (tamanho da fazenda 1m50 x 90).***

● Enquanto para algumas esta é uma das piores épocas do ano, quando se realizam as provas e exames finais para aquelas que estudam, outras têm oportunidade de aproveitar em passeios e na prática de esportes, êstes dias maravilhosos que estamos passando.

● Os planos para as férias de verão já estão sendo feitos e sejam elas passadas no campo ou na praia, esta é a melhor ocasião para a renovação do guarda-roupa e a confecção de alguns modelos que são lançados a cada dia. Quando sair para viagem, será melhor procurar roupas e adornos práticos que permitam variações.

● O tecido mais usado para a confecção de vestidos para tôdas as ocasiões, continua a ser o algodão, que êste ano aparece em maravilhosos estampados. As calças compridas e três quartos são de lonita, com as bôcas estreitas contrastando com as blusas e casacos retos, bastante amplos. Bôlsas e sapatos de palha, bem como as flôres artificiais em tons vivos constituem os complementos mais adequados para os trajes de passeio e esportivos.
(desenhos de LAURITZEN BERN).

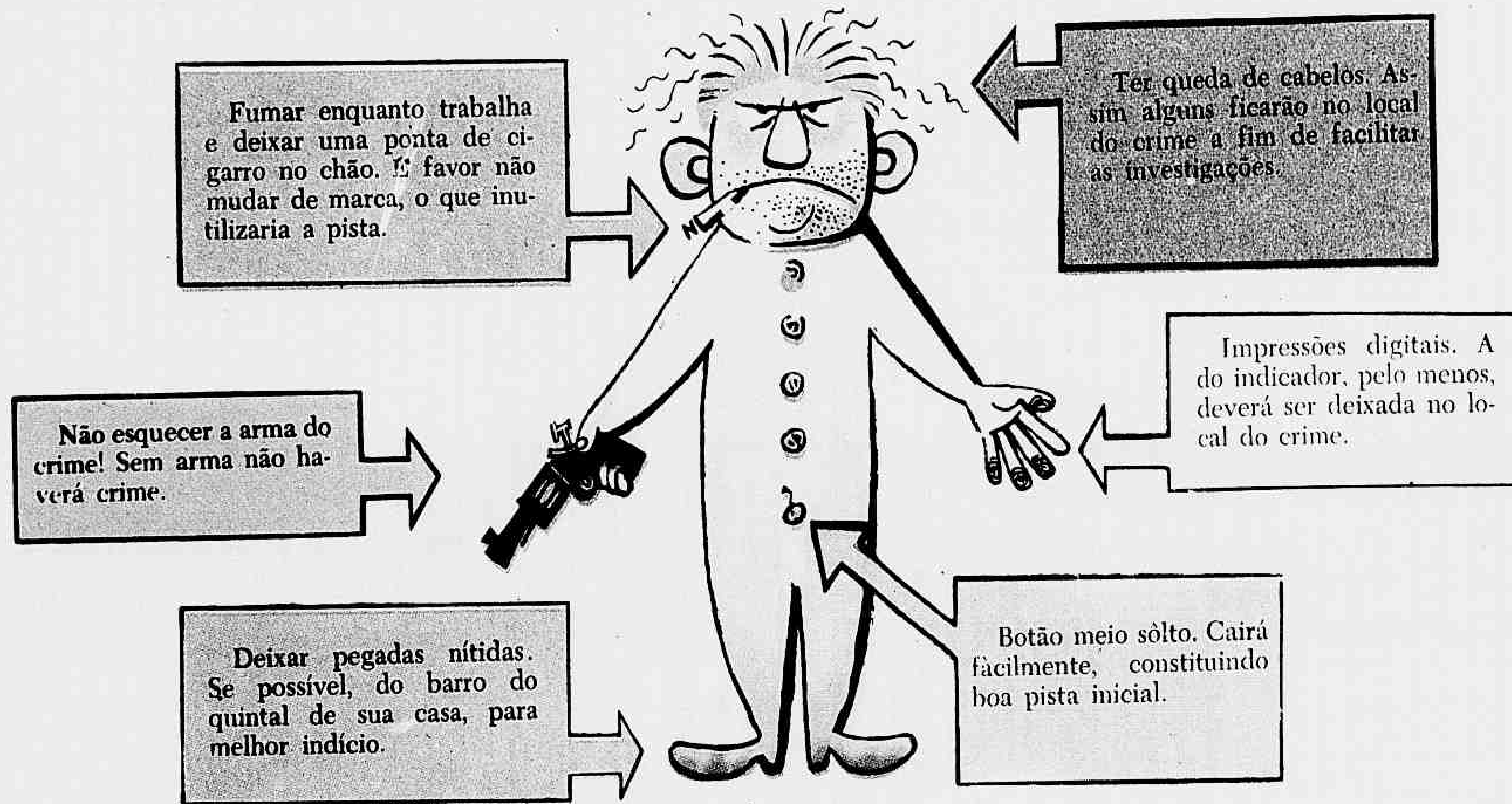




● *Vestido de "piquè" branco com estamparias de flôres em prêto. Modêlo de Jacques Fath*

FORTUNA (sem nenhum alibi) APRESENTA o Crim

AS OBRIGAÇÕES DO CRIMINOSO



M... será ... na c...

Nunca m... rer de óculos escur...s! Isso dificultaria ... reco-nhecimento.

C... trab... vast...

1.ª HIPÓTESE

CHERCHEZ LA FEMME!

A MULHER É A PRIMEIRA HIPÓTESE. NA PIOR DAS HIPÓTESES, É A MELHOR. HÁ MULHERES, ENTÃO, QUE SÃO ÓTIMAS HIPÓTESES.

2.ª HIPÓTESE

CHERCHEZ L'ARGENT!

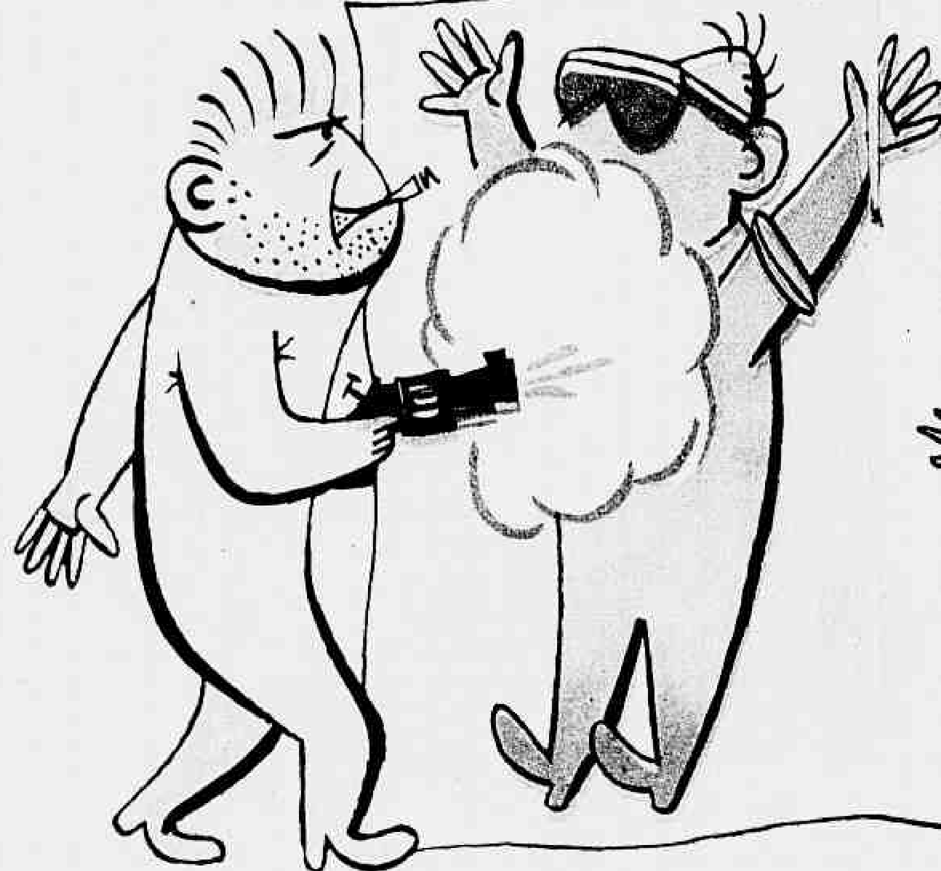
O DINHEIRO É A SEGUNDA HIPÓTESE. HIPOTÉTICO NO BÔLSO NESTES TEMPOS DE CRISE, AINDA NÃO ESTÁ DESVALORIZADO...



Anatomia da primeira hipótese



• O detective inclina-se pela prim...



• O criminoso matou pelo dinheiro ... levaria aos braços da primeira hip...

ime Burocratizado

OS DEVERES DA VÍTIMA

Manter um ritus impressionante, que será de grande efeito na primeira página dos matutinos de 1 cruzeiro.

Trazer em ordem seus documentos, para facilitar a identificação.

a morrer de escuros! Isso aria reco- ento.

Conservar sua dignidade de cadáver, não mexendo um dedo. Os argutos policiais logo concluirão que quem mexeu foi outro. No gatilho.

Guardar a bala que o alvejou. Isto não só tornará possível o exame de balística, como evitará que o legista declare como **causa mortis:** congestão cerebral...

Cair em decúbito dorsal para facilitar o trabalho dos jornalistas, nem sempre tão vastos em vocabulário.

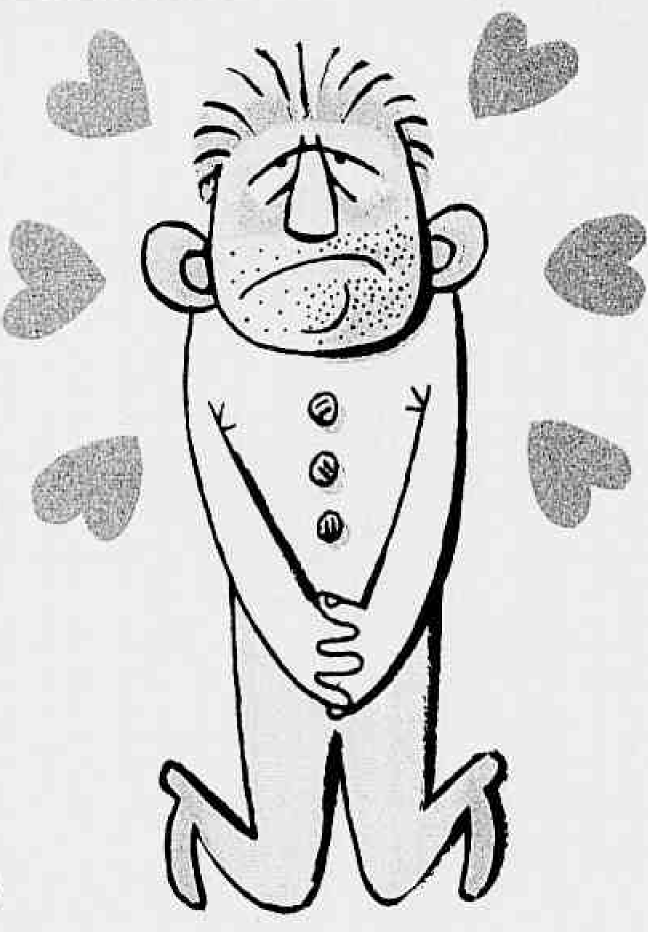
A TESTEMUNHA OCULAR



Da anatomia da testemunha ocular nada interessa, a não ser o fato de haver presenciado o crime.



e pela primeira hipótese.



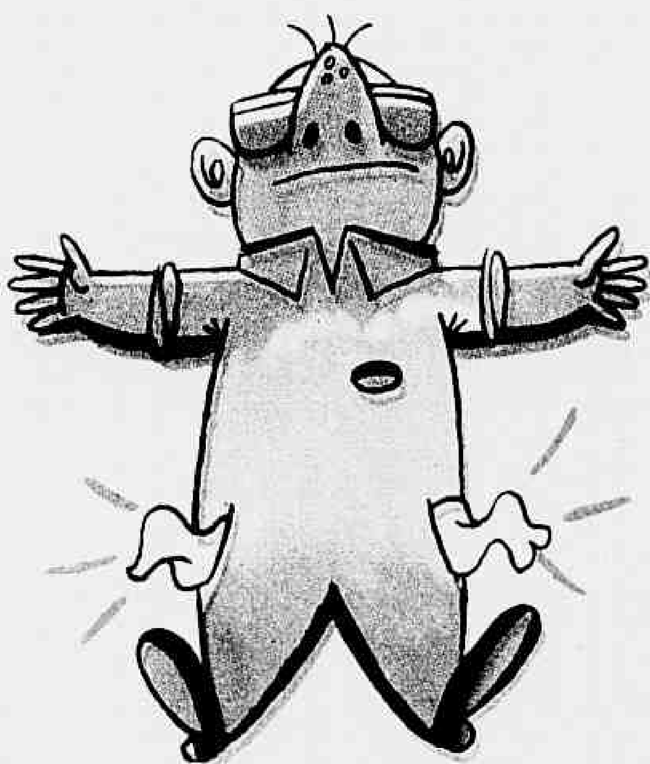
• O criminoso a desejava.



• Ela, porém, inclinava-se pela vítima.



dinheiro aue o
meira hipotese.



• Mas a essa altura, certamente ela já havia gasto tôda a segunda hipótese da vítima!



• Donde se conclui que o crime não compensa... Pelo menos para o criminoso.


MARIA

EU espiava o rosto de Maria, sem que ela o notasse, procurando os sintomas do seu mal, aos quais antecedia sempre aquela melancolia que súbito se apoderava dela.

— Porque você se entristeceu? — perguntei finalmente.

— Não estou como sempre? — respondeu-me como se voltasse de um ligeiro sonho. E você?

— Estou assim por sua causa.

— Porém, não há um meio de contentá-lo?

— Volta a ficar alegre.

— Alegre? perguntou admirada. E você o ficará também?

— Sim.

— Olha: já estou como você quer, disse-me sorrindo. Nada mais exige?

— Nada mais. Ah, sim, aquilo que me prometeu e não me deu.

— Que será? Acha que eu me lembro?

— Não? E os cabelos?

— E se o notam ao pentear-me?

— Dirás que foi cortando uma fita.

— Então é assim? — disse, depois de procurar algo que ocultava no avental, e mostrando-me qualquer coisa que negrejava em sua mão, e que desapareceu ao cerrar-se.

— Sim, é isto. Entrega-mos.

— E' uma fita, respondeu, voltando a guardar o que havia me mostrado.

— Bom, não te exigirei mais nada.

— Ainda bem! Então, para que os cortei? E' que falta compô-los bem. Amanhã, precisamente...

— Esta noite.

— Bem, esta noite.

Meu braço oprimiu suavemente o seu, desnudo da musselina e dos bordados da manga; sua mão girou pouco a pouco até encontrar-se com a minha. Do mesmo modo deixou-a levantar até meus lábios e, apoiando-se com mais fôrça em mim para subir a escada do corredor, dizia-me com voz lenta e de vibrações contidas:

— Agora está contente? Não voltemos a ficar tristes.

Quis meu pai que naquela noite eu lesse como sobremesa, algo do último número de «O Dia». Terminada a leitura, retirou-se êle, e eu passei à sala.

Aproximou-se Juan e pôs a cabeça num dos meus joelhos.

— Não dormes esta noite? — perguntei, acariciando-o.

— Quero que me faça dormir, contestou-me naquela língua que poucos podiam entender.

— E porque não Maria?

— Estou muito zangado com ela, tornou acomodando-se melhor.

— Com ela? Que fêz você?

— Ela é que não me quer esta noite.

— Conta-me porque.

— [illegible] a ela que me lesse o conto de Ca[illegible] e não quis. Pedi-lhe beijos, e não me [illegible]so.

[illegible] queixas de Juan me fizeram temer que a [illegible] Maria houvesse continuado.

— [illegible] esta noite tiver sonhos medrosos, disse [illegible] ela não se levantará para acompa[illegible] como [illegible] que faz.

— [illegible] não a ajudarei a colhêr [illegible]es [illegible].

— Não fale assim; ela quer muito a você. Vá [illegible]ga que eu lhe dou os beijos que pediu e [illegible] faça dormir ouvindo os contos.

— [illegible] disse pondo-se de pé e como entusias[illegible] por [illegible] boa idéia, vou trazê-lo para que a repreenda.

— Eu?

— Vou trazê-la.

E dizendo assim saiu à sua procura. Pouco a pouco apresentou-se, fingindo que a conduzia obrigada pela mão. Ela, sorrindo, perguntava:

— Onde me levas?

— Aqui, respondeu Juan, obrigando-a a sentar-se ao meu lado.

Contei a Maria tudo o que havíamos falado. Ela, tomando a cabeça de Juan entre as suas mãos, e tocando-lhe a fronte com a sua, disse:

— Ah, ingrato! Dorme pois com êle.

Juan pôs-se a chorar, estendendo-me os bracinhos para que eu o tomasse.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● **Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria, criados como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor manifestou-se entre ambos. Nesse ínterim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epilépticos, e que a vertigem que tivera fôra causada por tal doença. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, encontrando Carlos em sua casa, pretendendo a mão da moça. Debulhada em lágrimas, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, alegando que é doente e jamais pretende se casar. Numa conversa posterior, Carlos vem a saber que Efraim ama Maria. Retira-se Carlos, indo Maria informar a Efraim de tudo o que se passou. Efraim confessa que é amigo de Carlos e que lhe perdoa tudo. Maria pede-lhe então que jamais desfaçam aquela amizade. Êle concorda e retira-se para trabalhar com o pai.**

Romance de JORGE ISAACS
Desenho de RAMÓN

— Não, meu amo, não, meu senhor, dizia ela. E ao mesmo tempo, acariciava-o.

Mas o menino insistiu em que eu o recebesse.

— Então você faz isto comigo, Juan? continuou Maria queixando-se. Bom, o senhor já está um homenzinho. Esta noite mandarei sua cama para o quarto de seu irmão. Êle já não precisa mais de mim; ficarei sòzinha e chorando porque não me queres mais.

Cobriu os olhos com uma mão para fazer-lhe acreditar que chorava. Juan esperou um instante; mas como persistisse em fingir que chorava, escorregou pouco a pouco de meus joelhos, e aproximou-se tentando descobrir-lhe o rosto. Encontrando os lábios de Maria sorridentes, e amorosos os olhos, riu também, e abraçando-a pela cintura, encostou a cabeça em seu colo, dizendo-lhe:

— Quero a você como meus olhos, como meu coração. Já não estou zangado. Esta noite vou rezar muito direitinho, você vai ver... Depois, você me fará calções novos.

— Mostra-me os calções que lhe fazem, disse.

Juan pôs-se de pé sôbre o sofá, entre Maria e eu, para fazer-me admirar seus primeiros calções.

— Que lindos, exclamei abraçando-o. Se me quer bastante e comportar-se direito, conseguirei que lhe façam muitos, e também comprarei para você sela, chicote, esporas...

— E um cavalinho negro, interrompeu-me.

— Sim.

Abraçou-me, dando-me um prolongado beijo, e assim encolhido no colo de Maria, que voltava o rosto para esquivar-lhe os lábios, obrigou-a a receber idêntico agrado. Ajoelhou-se onde tinha estado de pé, e com as mãos juntas rezou devotadamente, reclinando-se sonolento sôbre o travesseiro que ela lhe estendia.

Notei que a mão esquerda de Maria brincava com algo nos cabelos do menino, enquanto um sorriso malicioso assomava aos seus lábios. Com um rápido olhar mostrou-me entre os cabelos de Juan um cacho dos que me tinha prometido. Já eu me apressava a tomá-lo, quando ela, retendo-os, disse-me:

— E para mim? Talvez seja mau exigilo de você.

— Os meus? — perguntei.

Fêz-me sinal que sim, acrescentando:

— Não ficarão bem na mesma redoma em que tenho os de minha mãe?

XXXII

Na manhã seguinte tive que fazer um esfôrço para que meu pai não compreendesse o penoso que me era acompanhá-lo em sua visita as fazendas de baixo. Êle, como fazia sempre que ia empreender viagem, por curta que fôsse, intervinha no arranjo de tudo, ainda que não fôsse necessário, e repetia suas ordens mais do que de costume. Como era necessário levar algumas provisões delicadas para a semana que íamos permanecer fora de casa, provisões de que meu pai era muito afeiçoado, rindo-se êle ao ver as que arranjavam Ema e Maria na sala de jantar, dentro de cestas que Juan Angel devia levar penduradas na cabeça da sela, disse:

— Valha-me Deus, filhas! Tudo isto caberá aí?

— Sim senhor, respondeu Maria.

— Mas isto bastaria para um bispo. Ah, era você a mais empenhada em que não passássemos mal.

Maria, que se achava de joelhos acomodando as provisões, e que dava as costas a meu pai, voltou-se para dizer-lhe timidamente no momento em que eu chegava:

— Pois como vão demorar-se vários dias...

— Não muitos, menina, replicou, rindo-se. Por mim não o digo, agradeço tudo a você. Mas êste rapaz se comporta de um jeito... Olha, ajuntou dirigindo-se a mim.

— O quê?

— Tudo o que estão levando. Com tudo isto, até pode ser que resolva a permanecer quinze dias.

— Porém se é mamãe quem mandou, observou Maria.

— Não faça caso, judia — assim brincávamos com ela de vez em quando. Tudo está bem, porém não estou vendo aqui nenhuma gôta de vinho. E' necessário levar algum.

— Não cabe mais, disse Maria rindo.

— Veremos.

E foi pessoalmente à adega, buscar o vinho requisitado. Ao voltar com Juan Angel, sobrecarregado ainda com umas latas de salmão, repetiu: veremos agora.

— Isto também? — exclamou vendo as latas.

Como meu pai procurasse tirar uma lata da cesta, Maria, alarmando-se, observou:

— Isto não pode ficar.

— Por quê, minha filha?

— Porque são as pastas de que êle mais gosta... e porque fui eu quem as fiz.

— E são também para mim? — perguntou baixo meu pai.

— Pois já não se acham aí?

— Digo que...

— Volto agora, interrompeu ela pondo-se de pé. Aqui faltam uns lenços.

E deparaceu, para voltar um momento depois.

Meu pai, que era tenaz quando brincava, disse novamente no mesmo tom que antes:

— Trocaremos pastas por vinho.

Ela apenas se atrevia a fitá-lo. Notando que o almôço se achava servido, disse levantando-se:

A mesa já está posta, senhor. E dirigindo-se a Ema: deixemos a Estefana o que falta. Ela o fará bem.

Quando me dirigia à sala de jantar, Maria saía dos aposentos de minha mãe, e a deteve ali.

— Corta agora, disse, o cabelo que querias.

— Ah não, eu não.

— Diz de onde, então.

— De onde não se note nada. E entregou-me uma tesoura.

Havia aberto o redoma que levava suspenso ao colo. Apresentando-me a caixinha vazia disse:

— Ponha-o aqui.

— E o de sua mãe?

— Vou pô-lo em cima, para que não se veja o seu.

Fiz assim, dizendo-me:

— Parece-me que hoje você vai ficar contente...

— Não, não, é para não desgostar meu pai. E' tão justo que eu manifeste desejo de ajudá-lo em seus trabalhos e que o ajude...

— Decerto, assim deve ser. E eu procurarei também manifestar que não estou triste para que mamãe e Ema não se ressintam comigo.

— Lembre-se de mim, disse beijando o cabelo de sua mãe e a mão que o acomodava.

— Ah, muito, muito! respondeu, olhando-me com aquela ternura e inocência que tão bem sabiam irmanar-se em seus olhos.

Separamo-nos para chegar à sala de jantar por diferentes entradas.

(Cont. na pág. 50)



Sugestão para o lar

• Costuma ser muito feliz a associação de living e escritório. Aqui o aposento amplo se comunica com uma varanda de frente, por portas de vidro. O piso, em mármore claro, continua para fora, no terraço, dando a sugestão de maior amplitude.

• Todos os móveis correspondentes à parte que poderíamos chamar de escritório foram executados em pau marfim. Os do living, mais escuros, em imbuia.

• Numa parede foram dispostos: uma estante para livros e um conjunto de televisão, rádio e eletrola, encimado por uma estante para os discos. A mesa comprida e baixa, sob êsse conjunto, dá muita comodidade para o manuseio dos discos.

NOTINHAS ÚTEIS

MANCHAS EM MÁRMORE — As manchas de caráter geral que se formarem sôbre o mármore do pavimento, das pias ou dos peitoris, podem ser tiradas com um pouco de água oxigenada.

*

SAPATOS MOFADOS — As manchas de môfo esverdeado que se formam, às vêzes, nos sapatos, tiram-se com um pouco de ácido bórico, numa solução a 10 por cento. Enxaguam-se com água limpa. Depois de enxutos, passar uma leve camada de vaselina.

*

MAU CHEIRO EM VIDROS — Para tirar o mau odor de certos vidros, basta deixar dentro dos mesmos um pedaço de carvão de lenha, durante alguns dias. Depois tira-se o carvão, e terá desaparecido o odor.

ROUPA ENCARDIDA — Se a roupa de cama e mesa ficou amarelada, por estar guardada muito tempo, deixe-a de môlho por algumas horas, em água com um pouco de cremor de tártaro (uma colher de sopa mais ou menos). Ficará alva outra vez.

*

FACAS — Nunca use a lâmina de uma faca dentro de azeite fervendo ou cêra derretida; o seu fio ficará inteiramente cego. Tenha uma colher de pau, apropriada, para quando trabalhar com essas substâncias.

*

CORTAR FLÔRES — As flôres devem ser cortadas com um alicate apropriado para isso ou então com uma faca ou lâmina bem afiadas. Do contrário se prejudicará o viço das mesmas.

UM POUCO DE BELEZA

Está nas suas mãos ser bela

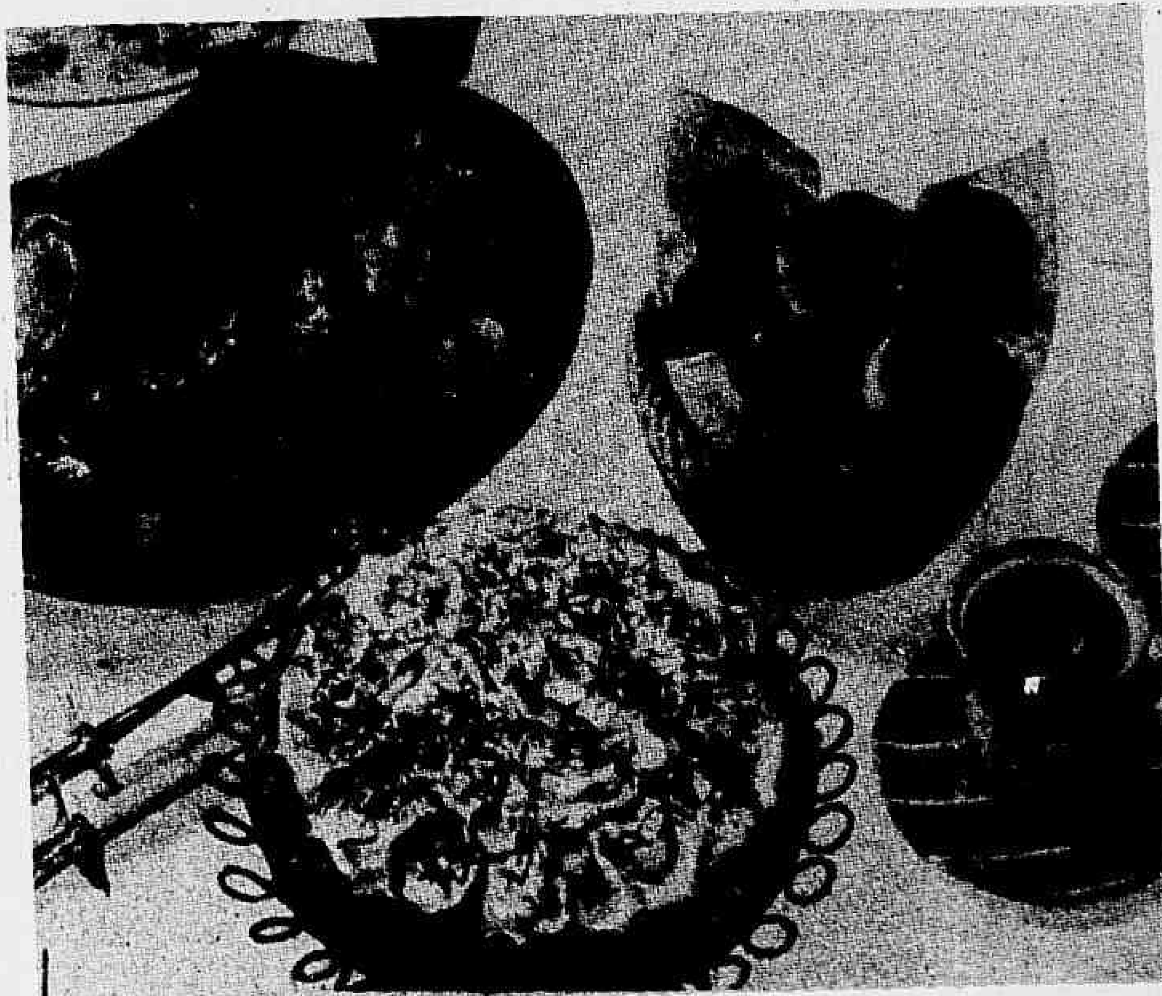


● Há muito quem se queixe da silhueta, má pele, magreza em excesso e alguns outros pequenos senões na beleza. É verdade que nem sempre há remédio para todos os defeitos que nos aborrecem, mas muitos dêles podem ser reparados, às vêzes com apenas um pouco de fôrça de vontade. A maneira de andar e sentar-se, embora muita gente não queira reconhecer, tem muita influência na boa circulação do sangue, conservação da espinha na posição correta e até para evitar o acúmulo de gordura. O hábito de caminhar com o pescoço sempre erguido evita o perigo do aparecimento de um queixo duplo, pois obriga todos os músculos da cabeça a manterem-se tensos.

● Rir o maior número de vêzes possível, além de concorrer para desopilar o fígado, como comumente se diz, também embora pareça incrível ajuda a manter os músculos em movimento, garante a boa circulação e dá brilho aos olhos. Um ótimo remédio para muitas das dores e indisposições que sentimos sem saber explicar, é respirar algumas vêzes diante da janela. Experimente fazê-lo até quando estiver abatida moralmente e verá os ótimos resultados que obterá.

● As manchas e espinhas do rosto, quando não têm outra causa mais séria, muitas vêzes provêm de uma dieta desregulada; procure analisar melhor o que come mais freqüentemente e note se não há o que suprimir. Lembre-se de que o seu encanto deverá aumentar e não diminuir com os anos, por que, à medida que êles passam, você terá mais experiência e com maior facilidade poderá corrigir os pequenos senões que a importunam.

WEEK-END NA COZINHA



● **BISCOITOS BISMARK:**

Batem-se 10 gemas com 200 grs. de açúcar, juntam-se às claras batidas em neve, e por fim 200 grs. de farinha pouco a pouco, juntando lentamente essência de limão. Coloca-se a massa em uma fôrma forrada com papel amanteigado, fazem-se os biscoitos, polvilham-se com açúcar cristalizado e cozinha-se em fogo branco.

● **TORTA DE MORANGOS:**

250 grs. de farinha, 175 grs. de manteiga, 100 grs. de açúcar, casca de limão ralado, uma colherzinha de essência de baunilha, mistura-se com duas gemas e um ôvo inteiro, até que esteja bem unido, sem amassar muito. Estica-se sôbre uma fôrma chata, untada de manteiga, e polvilhada de farinha; recheia-se com compota de maçã bem sêca e cozinha-se em forno moderado; um pouco antes de retirá-la do fogo, cobre-se com três claras de ôvo em neve, junta-se oito colheres de açúcar, mexendo ligeiramente. Colocam-se os morangos sôbre a torta e coloca-se novamente no forno para que dore. E' uma sobremesa deliciosa.

Lição aos políticos demagogos:

UMA MULHER CONTRA UMA CIDADE INTEIRA

Reportagem de AÔR RIBEIRO

• D. Anita Meireles veio do Ceará com uma carta de apresentação, manuscrita, que me enviou um amigo, político naquele Estado central do Brasil. O importante, porém, é que D. Anita não precisa de carta de apresentação; ela sòzinha vale por um exército de políticos e para provar pùblicamente tal afirmativa, nesta reportagem não falarei de Previdência Social, nem da Legislação do Trabalho, nem de discursos empolados; falarei de D. Anita, uma mulher simples que sacrifica diàriamente os melhores anos de sua existência para dar uma sopa de girimum aos pequeninos que até então morriam perdidos pelas caatingas do Ceará. Caro leitor, em tuas mãos a "REVISTA DA SEMANA" e na frente de teus olhos a reportagem, leia-a com atenção, amigo; ela foi escrita para ti.

ESTA não é a história de um concurso de beleza, nem a de um emocionante prélio político. E' para o leitor amigo, a história de uma mulher que está arrancando com sangue, um hospital para a cidade de Tauá. Cidade que não conhece concursos de beleza à moda dos romanos, dos persas e dos egípcios. Conhece apenas a fome, o maltrato e a descrença...

Pois bem, Anita Meireles — Anita é o nome dessa heróica mulher nordestina — um dia, muito moça, veio tentar a vida no Rio de Janeiro, deixando atrás de um Ita, a paisagem pitoresca de sua terra natal.

(«O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta
Por onde corre e se perde o sangue do Ceará»).

A VOLTA

Passando vários anos, Anita diplomada enfermeira profissional, voltou a Tauá para rever os parentes e cumprimentar os amigos. A miséria a esperava, entretanto, chorosa e rasgada à porta da cidade. Dos parentes e dos amigos metade tinha morrido à míngua sôbre a terra sêca; outra metade tinha fugido de pau-de-arara em demanda das terras de São Paulo. O município de Tauá, que conta com o número de 50 mil habitantes, estava de causar piedade ao coração mais duro ao sofrimento humano. Faltava, principalmente, assistência. Então, numa atitude heróica e rara hoje em dia, Anita Meireles resolveu abrandar o sofrimento daquela gente simples, boa e bem intencionada, que morria, botando sangue pela bôca, dentro dos campos ressequidos, batidos de sol e pesteados. Fundou com seus próprios recursos o Instituto de Proteção e Assistência aos Pobres de Tauá, em função do Hospital São Francisco de Assis a ser edificado. Uma casinha nova foi construída (o Instituto) naquela paisagem desolada. Uma porta e duas janelas, na frente; seis janelas de comprido. Ali Anita Meireles reuniu meninos e meninas que as mães, em desespêro de causa, abandonaram com fome e sêde pelas caatingas. Deu para cada uma das crianças uma rêde para dormir e nas horas, a sopa de girimum e cuscus. Hoje, as crianças de mais de oito anos, estudam num colégio ao lado do Instituto e as mocinhas maiores aprendem a bordar, colaborando assim (com a venda de seus trabalhos) para ajudar a manutenção do segundo e primeiro lar.

QUEM É ANITA MEIRELES

Anita Meireles é enfermeira formada pela Saúde Pública do Ceará, tem o curso da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro e diversos estágios nos maiores hospitais do Distrito Federal. Trabalhou dois anos no Serviço Nacional de Tuberculose do Hospital Psiquiátrico Pedro de Alcântara. Faz quatro anos que pertence ao quadro de enfermeiras do Hospital dos Servidores Públicos do Rio.

O REGISTRO DO INSTITUTO

No Rio, Anita Meireles estêve com o então ministro Miguel Couto Filho (Saúde e seus auxiliares de maior investidura). Com êle convèrsou sôbre os seus planos, deu notícias do que ela já havia feito, sòzinha e às suas custas, e pediu apoio para o que pretendia fazer.



NA MINHA LUTA CONTRA UMA CIDADE INTEIRA, APENAS DEUS TEM SIDO O MEU GUIA PROTETOR E NINGUÉM MAIS, DIZ ANITA.



ESPERO QUE OS POLÍTICOS ME AJUDEM, PELO MENOS NESTA SEGUNDA ETAPA QUE SE APRESENTA BASTANTE ÁRDUA.

Entretanto uma das suas primeiras preocupações foi registrar o Instituto e o registro foi feito, como não poderia deixar de ser, no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Saúde.

A instrução do então ministro Miguel Couto Filho foi a de que se enviasse o mais breve possível a escritura de um terreno de 1.000 metros quadrados, doados pelo dr. José de Castro Feitosa para fazer a edificação do futuro hospital São Francisco de Assis. Há duas plantas a ser apovadas: uma de um hospital para 55 leitos e outra para um de 110 leitos. Tudo farão Anita Meireles e os beneméritos que a ajudaram (ùltimamente) no sentido de que seja construído o de 110 leitos, menos insuficiente para um município de 50 mil habitantes.

O INSTITUTO ATUALMENTE

Enquanto Anita Meireles e o povo de Tauá esperam a construção do hospital, o Instituto vai prestando eficiente assistência às gestantes nos seus próprios domicílios. E num outro casarão cedido pelo dr. Dougival, 82 crianças recebem aulas e alimentação diàriamente, enquanto Anita Meireles corre pela cidade e arrabaldes aplicando injeções e orientando tratamentos de maior emergência.

Conta ainda, Anita Meireles, ao repórter, que no sertão de Tauá a miséria é tamanha que mulheres dão à luz sôbre esteiras imundas de palha de carnaúba, no chão de terra batida das suas humildes choupanas. Ainda há pouco — continua a narrar Anita Meireles — uma gestante de oito meses, morreu de fome e quando dava o último suspiro confessou chorando amargamente que há quatro dias não botava na bôca uma pedra de sal, sequer.

LUTA TITÂNICA

Nos campos ressequidos de Tauá, observa-se, ao longe, uma casa branca e modesta, é ali o paraíso encantado das crianças sem pai e mãe. Paraíso encantado, construído e administrado pela enfermeira Anita Meireles, que de quando em quando coloca dentro de uma velha mala as rendas e os bordados das jovens mais velhas do Instituto e vem vendê-las no Rio de Janeiro. O produto da venda é para levar do Rio alimentação diferente da sopa de girimum, que é servida aos sábados e domingos sob a suprema felicidade da petizada.

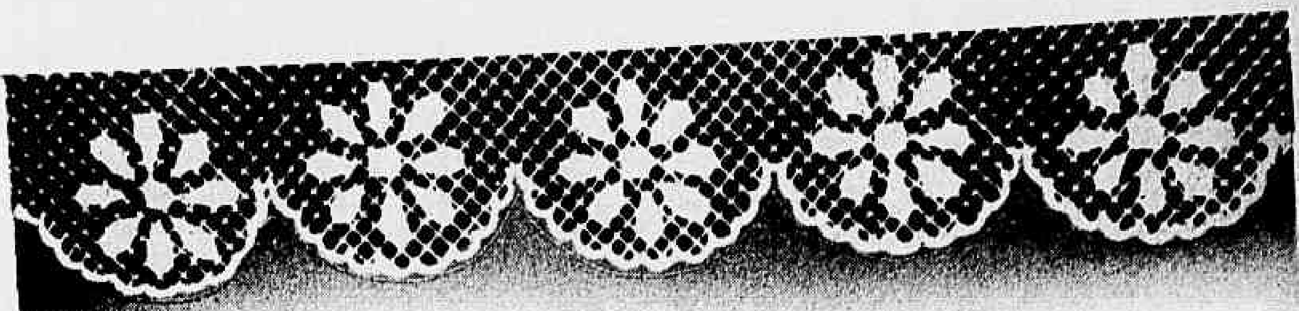
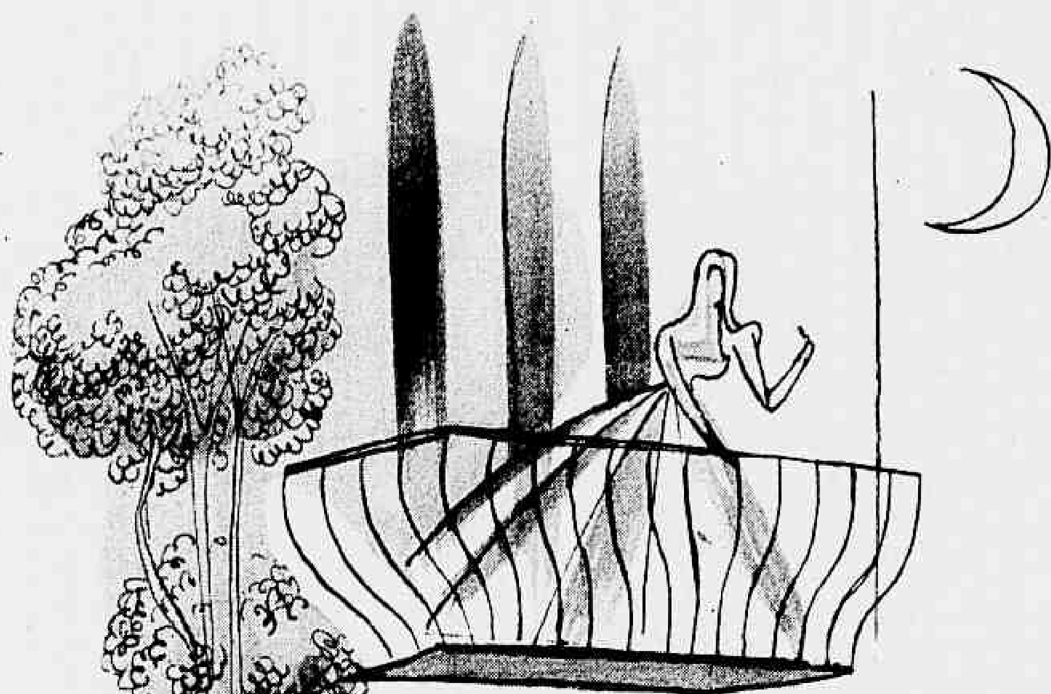
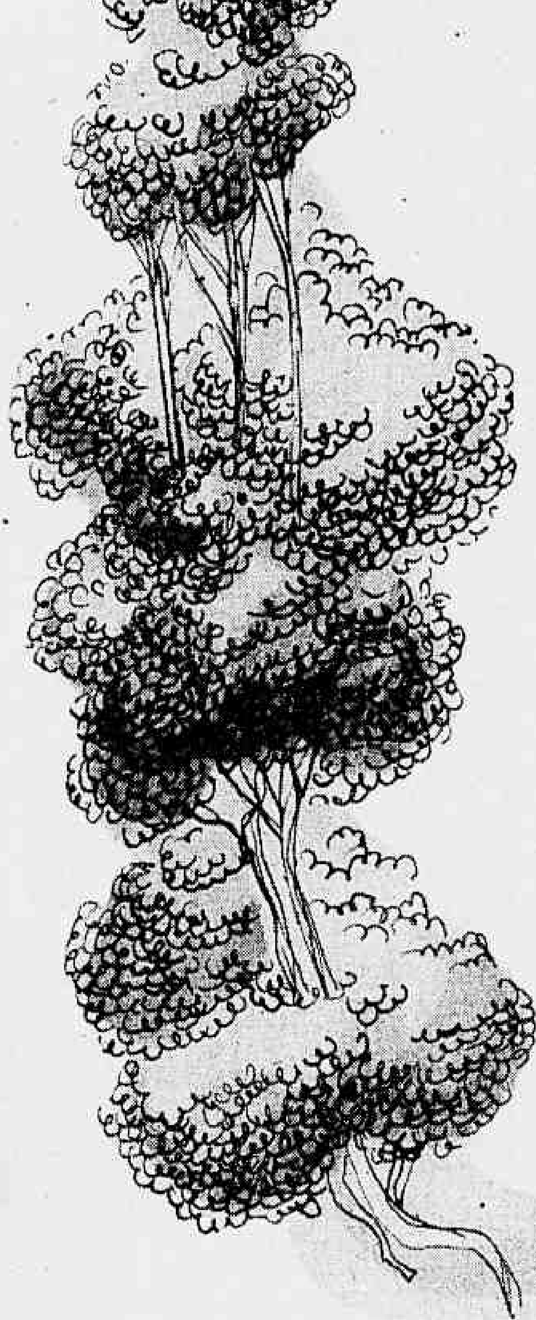
A luta e o espírito de renúncia de Anita Meireles, não é mais do que uma lição; uma grande lição aos políticos demagogos e interesseiros que empestam por todos os lados êste nosso Brasil contemporâneo. Isto porque, Anita Meireles lutando contra a sêca, a miséria e a apatia natural de uma cidade inteira, sem os agradabilíssimos contos de réis e sem imunidade parlamentar, não promete nem ilude os que ela sabe que não podem viver de promessas nem de ilusões. Ela é muito mais prática: sacrifica a sua existência mas salva a existência de centenas de infelizes que foram achados (sem culpa nenhuma) nas beiradas das ruas e nas caatingas do Ceará.

Os políticos honestos (são poucos) do país, devem dar a máxima ajuda a essa mulher que por certo nunca se elegerá deputado mas que já deveria ter sido destinguida com a medalha de «Honra ao Mérito» como um pequeno incentivo à sua obra digna e meritória sob todos os aspectos.

Os políticos nacionais ajudando Anita Meireles a dar comida a quem tem fome não estão prestando um favor, absolutamente, estão cumprindo um dever.



ASSASSINANDO MORTALMENTE A MODÉSTIA, CONFESSO QUE SE AS CRIANÇAS DE TAUÁ TÊM TETO E COMIDA DEVEM A MIM.

Desejo...

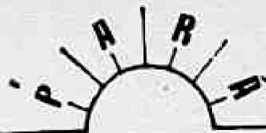
a paixão ardente, o amor entre dois seres, traduzido numa fragrância sublime, pura e delicada...





ÁGUA DE COLÔNIA
Desejo

Criação PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO


RETORNO À HOUSE



Dora Lopes

Chegou fresquinho ôvido da Jovita: A moça Dora vai voltar pra Rádio Nacional contando o tempo todo de casa, parece até qui cum istabilidade feito o Herivelto Martins e mais os outros, tudo certinho como manda o figurino. Diz que foi fogueirinha que Fernando (itinerante) Lobo fêz. E já não fêz sem tempo. A moça Dora muito Lopes loura, também é filha de Deus qui a Jovita sabe. Ela já tá de contrato pra dispois do Carnaval — troço chato! — lá nos discos do dr. Sávio, tá um Copacabana cantando repertório veio de Jean d'Onco, só falta mesmo é acertá o pé na Rádio Nacional. Vae in frente moça Lopes Dora loura, vae mesmo!

Tá muito bonito êste negócio de semana do cinema, com festas e tá e coisa.

O que não tá bonito é que só falem a sério de cinema quando Jovita não tá. Tive lá no Clube da Chave, iscutei o moço Anselmo falá sério e ser aplaudido, vi o Grande Otelo pedir que todos que fôssem ali fizessem o mesmo.

Qual nada. Êles chamaram foi o Adail-tá em todos que arengou o boiadeiro de nova a Carmelia Alves que cantou música pro Carnaval, o Grande Otelo que mostrou a espôsa e mais o Renato Consorte. Dipois ficou falando qui tem crise de cinema no Brasil. Tem crise mais é de lero-lero. Falou a Jovita!

MARCOU!

Pode ser mentira. Pode ser verdade. Cantora Ester de Abreu.

NÃO MARCOU!

Sinceridade — Bolero — canta Ivon Curi.

VAI MARCAR!

Sinceridade — Bolero — cantor mexicano.

ÁGUA PARADA

● A Jovita aqui se lembra muito bem. Foi em 1942. A Rádio Nacional botou no ar um negócio chamado «Cavalgada da Alegria». Foi bonito. Todo o mundo gostou com a Jovita.

Ai então começou o negócio. Tudo virou cavalgada, cum aquêle ritmo gostoso embolante. Ninguém mais quiria nada. O negócio era cavalgada. 3 bigue orquestrações — 1 número gosado — 1 cantor formidável — 1 cantora — passagens musicai sescolhidas — 1 nome espetacular, falado por uma voz espetacular e tava resolvido. O negócio também se chamava bigue bruadiscostin (custei para decorar, agora é que é sopa).

Passou uns tempinho discuvriro o Max Nunes, o J. Rui, o Haroldo Barbosa mais o Antônio Maria, e ahi ficou tudo de estadão!

Tome de bigue bruotiscosting até hoje, agora com umas variação de graça engraçada mesmo, porém com passagem musical da Cavalgada sempre morando lá.

E tem também que desde lá vem as novelas, que tão ahi de vento em pôpa, mais de pôpa do que de vento, inventando louco nos Brasil da Jovita.

Não dá, é preciso alguém mexer nesta água parada, fazê um reguinho quarqué coisa. Sinão a Jovita vae tê uma coisa. Tá bem?

JOVITA DA CONCEIÇÃO



Ivon Curi



Ester de Abreu

NOTÍCIAS

A Jovita foi lá no «Cabeça Chata» do Manèzinho — chamado Araújo. Muito original o negócio. Meio triste, mais porém... Cadê um cheirinho de «sôpa» de Maceió pro Recife — assim, bem assim nos úvido da gente...

* * *

Aqui a Jovita quer saber porque é que os moço inscreve sôbre os sambas gravados aqui e ali, nunca falaram nem escreveram sôbre o samba «Vida Vazia» que a d. Dircinha cantou? Porque?

* * *

O Mario Garofalo foi agraciado com a ordem do Cavalleiro de S. Sebastião e Guilherme. O Ari Barroso vai pro livro de mérito. Os e as artistas ganharam faixas. Só a Jovita da Conceição é que não ganhou nada!...

* * *

Danou-se tudo lá no Teatro Carlos Gomes. A Jovita viu quando as coisas começaram a ficar da côr dela por pura farta de anúncio de vendê coca-cola.

Agora contaram prá Jovita que o negócio piorou.

Os criolé tão tudo brabo. Aquele tar de Chevaliê do Samba — Nêgo besta — tá businando feito um bicho.

Azar! Quando meu primo avisou ninguém quiz i num gorpe do rapaz. Agora? Vão andá prá criá calo!

* * *

A jovita ficou bôba com jeito do moço Renato Consorte. O nariz pêga um violão, dá di falá i tocá!

Parece um passarinho insinado!

Tanto comove cumo faz ri!

Ô sujeitinho formidável! Principalmente de perfil. Gostei, tá?

* * *

Inda bem a Jovita num tinha falado, já os colegas anunciaro que o Grande Otelo tava bebado de novo, brigou com a patrôa, amolou os vizinhos, o diabo.

Num cridito. Cunheço meu primo, sei que êle é certo.

Sei até que no dia do casamento êle tomou só uísque até às 4 da manhã.

Houve confusão entre os convidado, situação trapalhada, e o primo firme. Casou na segunda, na têrça tava firme no batente.

Dessa veiz acho que fizero o negócio certo. O moço tava era isgotado. «Esta vida é um carnaval», duas fitas, casamento. Só podia dar mesmo em clínica de repouso.

Oceis tão mais é mal informado, gente.

* * *

Lá na casa do moço onde eu trabalho por hora, tem um jornal que chega no sábado, mandado não sei por quem. É o «xopingneus» bonsinho... Lá nele que foi que a Jovita leu que o meu Jean Gabin recebeu uma «big» homenagem. Quem contou foi o Justino Martins, moço bom, cunhecido de meu primo na tá buate do Casablanca.

Por falar no meu primo. Êle sempre foi torcedô do moço Jean Gabin também.

* * *

Vem aí agora um bolero (aqui a Jovita não gosta destes cavalheiro. Mas honra seja feita) chamando sinceridade, que é o fino, nesta questão de negócio mole do México. Escutei porém uma gravação do Ivon Cury que tá o grosso das interpretação do simpático Porco que ri. A Jovita não se deu.

Êstes são os "donos" da Alegria

Divirta-se com êles!



HAROLDO BARBOSA produz, e os melhores comediantes do rádio interpretam para você, LEVERTIMENTOS - o maior cartaz humorístico da Mayrink Veiga. Marque um encontro com a alegria às 3as. feiras nos 1220 kilociclos do seu rádio.

HAROLDO BARBOSA o melhor produtor de 1953





ZÉ TRINDADE o melhor comediante, graças ao exclusivo "frichilin"

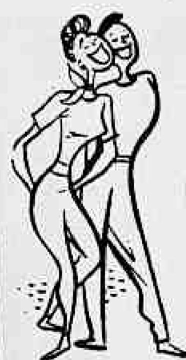
3as feiras às 20,30





EMA D'AVILA vivendo uma vida sem dificuldades como deve viver "uma mulher de verdade"







GERMANO criador dos tipos mais divertidos





ANTONIO CARLOS O homem que não tem problemas, porque é "o mais feliz do mundo"

Não perca

LEVER-TIMENTOS

O MAIOR CARTAZ HUMORÍSTICO DA **Mayrink**

UMA OFERTA **LEVER**

LINTAS - LTS - SR 20

FINALMENTE A VENDA O MARAVILHOSO

ALMANAQUE

EU SEI TUDO



ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Rio - Lapa

CRÔNICA:

VIAGEM

● «Viagem» (Checoslováquia — U.R.S.S.) é a obra póstuma em que o grande romancista de «Vidas Sêcas» deixou fixadas as suas impressões de visitante do mundo soviético. Partindo do Brasil em abril de 1952, Graciliano Ramos conheceu Praga e diversas cidades da União Soviética, nascendo dêsse roteiro o livro admirável que agora nos é entregue em edição ilustrada, valorizado artìsticamente por uma capa de Cândido Portinari. Obra de um mestre da palavra escrita, «Viagem» oferece-nos outra vez um Graciliano Ramos dominando as coisas e os seres naquele seu estilo enxuto, harmonioso, preciso e sòbriamente elegante. Em nehum momento, ainda quando o entusiasmo pudesse contaminá-lo diante de um mundo novo plasmado por uma geração apenas, o artista cede o passo ao homem de partido, o escritor se deixa vencer por contingências alheias ao seu dever. Meticuloso sempre, observador sagaz embora honestamente interessado, Graciliano Ramos conduz o leitor com aquela mesma dignidade intelectual já demonstrada nos seus livros de ficção. Não escamoteia impressões nem esconde a sua concordância; não se despersonaliza nem pela crítica nem pela adesão cega. Não procura fazer proselitismo nem se recusa a depor segundo as suas idéias, segundo o que lhe informa a cônsciência de homem e de escritor. Homens, coisas e fatos fluem serenamente diante de seus olhos, e a pena se encarrega de lhes dar o devido contôrno, acentuar-lhes as linhas principais, expor-lhes as características mais salientes, colorir-lhes os aspectos mais decisivos. Mas tudo isso, acrescente-se, dentro daquela sobriedade e daquele equilíbrio que foram sempre o apanágio dêsse grande escritor, raro exemplo de fidelidade, ao mesmo tempo, à sua missão de intelectual e à sua consciência de homem.

ANTÃO PEDROSO

Entrevista imaginária com

PASCOAL CARLOS MAGNO



Pascoal lamentava, como sempre, a indiferença do mundo pela Arte — (a Sagrada, é claro).

— E o Duse? — perguntamos.

Seus olhos se iluminaram:

— Montará êste próximo ano 438 peças de autores inéditos.

— Mas como os consegue em tão grande número, Pascoal?

E êle:

— Então você não sabia que temos em Santa Teresa um laboratório especializado? Tôda uma equipe trabalha diàriamente produzindo peças novas — e olhe, tôdas com nome de autor diferente!

NOTICIÁRIO

Não há dúvida de que o sr. Ricardo Ramos estréia com uma séria responsabilidade: a de ser filho de Graciliano Ramos. Seu estilo lembra, aliás, o do autor de «Memórias do Cárcere». E convenhamos, seus temas também. Bem pensado, isto deve agradar ao jovem autor de «Tempo de espera».

* * *

«Lições da crise», de Hermes Lima, já foi muito bem louvado por Rubem Braga. Livros como êsse não são comuns entre as publicações de nossas editôras, e refletem um pensamento político sereno e justo, o que pode constituir a credencial maior de seu autor.

* * *

«Ronda Solitária» de Eliza Lispector é uma edição de «A Noite». Não é o primeiro romance da autora e nem será o último, pois Eliza Lispector, que escreve com certa fluência, tem o dom de fabular histórias, a paixão de conduzi-las e, mais do que isto, a paciência de levá-las até o fim.

* * *

Atenção! Como há uma epidemia de escritores-fazendeiros, eis a notícia de três «plaquetes» que devem interessar: «Instruções práticas sôbre as culturas da cebola e do alho» de Leonam de A. Pena, «Proteção à fauna» de Eurico Santos, «Considerações sôbre a soja» de Arnaldo Augusto Addor. Tôdas três edições do Ministério da Agricultura.

* * *

«Noite» de Erico Veríssimo, acaba de aparecer. É uma edição da Livraria do Globo e apresenta um novo aspecto do popular escritor: novelista de aspectos noturnos da natureza humana.

* * *

Raimundo Magalhães Jr., acaba de obter o prêmio «Governador do Estado» de São Paulo, no valor de quarenta mil cruzeiros, com sua peça «Canção dentro do pão».

O QUE ÊLES DIZEM

Assunto do dia: Disco-Voador

● **NO BRASIL:**

Rubem Braga diz que não acredita em discos voadores, pois nunca os viu. Em compensação já viu três aviões a jato.

* * *

Os discos preocupam também a Carlos Drummond de Andrade, que, conforme declaração já estampada nesta seção, considera-os meios de propaganda para a sucessão presidencial.

* * *

O sr. Antônio Maria também se preocupa com o misterioso caso. Da varanda do apartamento do sr. Rubem Braga viu pasar dois ou três, pequeninos. O Ministério da Marinha já esclareceu devidamente o fato.

* * *

O poeta Augusto Frederico Schmidt é muito mais patético, e como sempre, acredita, que seja um sinal dos tempos. E cita uma criança brincando, a espera de que um disco voador passe.

* * *

Eneida, cronista quase diária, não sei o que pensará. Mas teria ela desdenhado esse rico filão para a crônica? Não acreditamos, o assunto é tentador.

● **NO ESTRANGEIRO:**

Também no estrangeiro o disco voador é assunto obrigatório. Vejamos.



Antônio Maria

Mauriac considera-os mistério super-profundo, possivelmente de origem russa.

* * *

Claudel exclama: «São emissários do céu».

* * *

Sartre, mais irônico, afirma que é um produto americano de exportação.

* * *

Moravia, italiano, sugere coisa mais simples ainda: uma espécie de delírio coletivo.

* * *

E finalmente Hemingway balança a cabeça, afirmando, com tôda ingenuidade americana, que são mesmo de outro planêta. Possìvelmente estará com a razão. Depois, como resistir a tal possibilidade?



RETRATO — Muitos perguntam qual é o forte do sr. José Lins do Rêgo, o futebol ou a literatura. Podemos afirmar que no terreno literário, o autor de «Banguê» nunca fêz propaganda do futebol, mas eis aqui um curioso flagrante em que se vê José Lins fazendo propaganda da literatura (própria) no terreno do futebol. Em pleno gramado, entrega êle um exemplar do seu último romance «Cangaceiros», ao jogador Antoninho. O público aplaude.



«... duas realizações esplêndidas como «Jogos proibidos».

PRIMEIRO BALANÇO DO ANO

OCTAVIO DE FARIA

● NOTA: Não poderíamos deixar passar em silêncio a nova assinatura que aparece nesta seção, pois além de se tratar de um dos maiores romancistas do Brasil, é a do fundador do «Chaplin Club» e da revista «Fan», além de um magnífico ensaio sôbre o «far-west» recentemente editado. Assim, Octavio de Faria, como todo mundo sabe, é possivelmente a mais autorizada das vozes entre quantos debatem o assunto cinematográfico. Chamando-o às nossas colunas, acreditamos dar uma nova orientação ao problema, entre nós.

EVIDENTEMENTE, o ano ainda não está corrido. Apesar de tôdas as aparências em contrário, dezembro pode nos reservar muita novidade agradável. (Da caixa de surprêsas e disparates dos nossos distribuidores, que milagres não podem surgir? Um «Milagre em Milão», um «Olvidados», um «Thérèse Raquin» — quem sabe?...) Mesmo assim, não me parece prematuro tentar um primeiro balanço, quites a uma possível reconsideração.

De um modo geral, pode-se dizer que foi um bom ano. Um muito bom ano mesmo. Não, talvez, um ano marcado por uma dessas produções excepcionais, capaz de ofuscar tôdas as outras, — como o ano de 53 o foi por «Luzes da Ribalta», de Chaplin — mas um ano de inúmeros filmes de muito alta qualidade, (um «Humberto D.», um «Brinquedo Proibido», ou um «Os brutos também amam») e um ano em que se equilibraram mais ou menos os diversos contingentes habituais de grandes filmes — o francês, o italiano e o americano.



«... um ano de filmes de muito alta qualidade: «Humberto D»...»

Digamos mesmo que o que parece ter caracterizado mais nitidamente o 1954 cinematográfico foi êsse equilíbrio entre os contingentes francês, italiano e americano. E' difícil dizer qual dêles foi o mais forte. (Questão de gostos, de tendências...) Ora, em 53 houve uma nítida predominância italiano-americana (com marcado prejuízo da produção francesa) e em 52, ao lado do brilho excepcional das produções inglêsa e americana, um relativo fracasso das apresentações francesa e italiana. (E' verdade que o equilíbrio geral de 54 fica bastante prejudicado pela produção inglêsa que nos deu apenas um filme de primeira linha: «Sem Barreiras no Céu» («The Sound Barrier», de David Lean) e dois de boa qualidade: «O Homem de Terno Branco» («The Man In The White Suit») e «O Martírio do Silêncio» («Mandy»), ambos de Alexander Mackendrick. Fixemos, portanto, em relação à escolha dos melhores filmes do ano, que os três grandes contingentes são os seguintes (sem ordem de preferência):

● 1) — o americano — com alguns filmes de primeira linha como «Os brutos também amam» (Shane», de George Stevens), «A Cruz de Minha Vida» («Come Back Little Sheeba», de David Mann), «Inferno 17» («Stalag 17», de Billy Wilder), e outros de qualidade como «Mais forte que a morte» («Act of Love», de Anatole Litvak), «A um passo da eternidade» («From Here to Eternity», de Fred Zinnemann) e outros.

● 2) — o francês — com duas realizações esplêndidas como «Brinquedo Proibido» («Les Jeux Interdits», de René Clément) e «O Salário do Mêdo» («Le Salaire De La Peur», de H.G. Clouzot) que acompanham alguns filmes de interêsse como os de Tati Becker e Carné, para não falar do «Somos todos assassinos» («Nous Sommes Tous Des Assassins», de André Cayatte).

● 3) — o italiano — com uma verdadeira obra-prima, o «Humberto D.» (Umberto D., de Vittorio De Sica) e dois filmes de primeira linha: «Roma às 11 horas» («Roma, Ore 11», de Giuseppe De Santis) e «Crimes da Alma» («Cronaca Di Un Amore», de Michelangelo Antonioni), acompanhados por vários filmes de valor como «Nápoles Milionária», de Eduardo De Filippo, «Pão, Amor e Fantasia», de Mario Camerini, «Ana», de Alberto Lattuada e outros.

Assim, para uma seleção de dez filmes, teríamos (quem sabe, apenas provisòriamente): 1 inglês («Sem Barreiras no Céu), 2 franceses («Brinquedo Proibido» e «O Salário do Mêdo), 3 americanos («Os Brutos Também Amam», «A Cruz da Minha Vida» e «Inferno 17»), e 3 italianos («Humberto D.», «Roma, às 11 Horas» e «Crimes da Alma»). O 10º lugar (que não seria injusto caber a «Somos Todos Assassinos») parece-me reservado a um filme sueco que passou mais ou menos despercebido: «A Última Felicidade» («Hon Dansade En Sommer»), de Arne Mattson.

E... voltaremos sôbre o assunto.



«... alguns filmes de primeira linha como «os brutos também amam...»



«... assim, para uma seleção de dez filmes, teríamos «O salário do mêdo».



«... teríamos uma apresentação inglêsa, «Sem barreiras no céu».

O GOVERNADOR JUSCELINO KUBITSCHEK INDICADO PARA O CATETE

O BRASIL VOLTADO PARA O «EDIFÍCIO PIAUÍ» ★ O P.S.D. TOMA UMA ATITUDE ★ A PALAVRA DO INSIGNE GOVERNADOR MINEIRO

Reportagem de
BERNARDO LUDEMIR



A mesa que presidiu os trabalhos, no comêço da reunião era constituída de 3 governadores: Lucas Garcez, Amaral Peixoto e Etelvino Lins. No fundo, aparecem os deputados Eurico Sales e Israel Pinheiro. Ao alto, o retrato do marechal Dutra.

NA sede do Diretório Nacional do P.S.D. (no 8º andar do edifício Piauí), no dia 25 de novembro,o ambiente era de maior expectativa para os jornalistas. Na sala do secretário do Partido, estavam reunidos os governadores de 3 Estados e os líderes políticos das principais correntes pessedistas. Dali, sairiam ou não, os resultados das «demarches» para a escolha do candidato do P.S.D. à Presidência da República.

● CONFERÊNCIA DOS GOVERNADORES — Os governadores Etelvino Lins, Lucas Garcez e Amaral Peixoto ficaram trancados na sala longo tempo. Garcez telefonara, na véspera, para Jânio Quadros, na Europa, e tinha se comprometido a não se pronunciar em nome de São Paulo, antes de seu regresso ao Brasil. Adotava a linha de Etelvino, quando muitos pensavam que seu apoio era certo, para o sr. Juscelino Kubitschek.

Foram entrando outros próceres para o gabinete do secretário. Israel Pinheiro, Eurico Sales, Perachi Barcelos, Armando Falcão, Tarcílio Vieira de Melo, José Joffly, Magalhães Barata, Vitorino Freire, Leônidas de Melo, Álvaro Maia, Georgino Avelino, Nereu Ramos, Moisés Lupion, entre outros. Acertavam os detalhes de suas atuações e saíam para a sala do gabinete do presidente e corredores da sede do P.S.D., onde jornalistas e curiosos ansiavam por dados, que os líderes das correntes já sabiam quais seriam. A inquietação era pela importância da reunião.

● CERTEZA DA VITÓRIA — Um prócer mineiro, em conversa com o repórter, afirmava que o governador Juscelino seria indicado candidato por 129 votos contra 29. Os partidários dêste não contavam com a abstenção dos pernambucanos, catarinenses e gaúchos. Pensavam que êles votariam logo contra. Por outro lado, entretanto, contavam com o apoio dos paulistas.

Estavam eufóricos os juscelinistas que, de cinco em cinco minutos, se comunicavam, telefônicamente, com o governador, sediado no seu apartamento da rua Sá Ferreira, controlando e recebendo notícias dos últimos entendimentos.

● NEREU — O sr. Nereu Ramos estava com o rosto lívido, numa atitude discreta. Sentado num sofá, no canto da sala, conversava pouco e guardava-se para falar na reunião.

● GARCEZ E O AJUDANTE DE ORDENS — Às 10 horas, o governador Garcez entrou na sala de espera (bastidores da reunião), o gabinete habitual do presidente do P.S.D. Com sua elegância e seu sorriso, cumprimentou os presentes e foi se sentar junto do senador Georgino Avelino. O coronel, seu ajudante de ordens, levantou-se, conforme o protocolo dos Campos Elíseos e ficou em ordem para atender, prontamente, a qualquer chamado. O político, por alguns momentos, parecia que tinha voltado para sua posição de governador. Mas, não houve chamados para o ajudante de ordens. Os assuntos dali eram políticos, e a opinião de Garcez era quem era chamada. O ajudante de ordens serviu apenas para composição de cena.

● O NOIVO TEM QUE SER JOSÉ — Conversava o sr. Perachi Barcelos, presidente do P.S.D. gaúcho, com os jornalistas. Era o mais expansivo. Externava claramente seu ponto de vista. Era portador de uma missão expressa, pelo adiamento da discussão, com uma preliminar contra qualquer acôrdo com o P.T.B.; era pelo entendimento dos partidos e, no caso da apresentação de nome, não deveria ser apresentado sòmente um, mas diversos, para consulta aos partidos. Concordava com a tese que o senhor Nereu Ramos iria apresentar: consulta antes aos partidos para o entendimento.

Sôbre um só nome, dizia o presidente do P.S.D. gaúcho:

— «Apresentá-lo, para base de um acôrdo, é a mesma coisa que você ter uma filha chamada Maria — no caso a Presidência da República. Quer casá-la. Diz que ela pode se casar com qualquer rapaz que esteja em condições. Mas, êsse «qualquer rapaz» chama-se José. E' o que querem fazer no P.S.D.».

● A REUNIÃO SECRETA — Às 10 e 30, um moço forte postou-se à porta de entrada da sala onde seria a reunião, e foi pedida a saída de lá, de quem não fôsse participar da mesma. Um curioso indócil reclamou: — Os representantes de um partido do povo iam se trancar numa sala para discutir o que todo mundo já sabia: escolher ou não um candidato a ser sufragado pelo povo, com voto secreto, sem que o povo, através de seus informantes, que eram os jornalistas e alguns bisbilhoteiros pudessem ali estar presentes. A decisão, da maior importância para os destinos do país, ia ser tomada secretamente.

Começou a reunião. A presença de dois governadores, além do presidente do Partido foi louvada com moções de aplausos. O senador Oscar Vergueiro pediu uma para o sr. Garcez, por ser a primeira vez que êle comparecia a uma reunião do diretório nacional do P.S.D., e o sr. Georgino Avelino fêz o mesmo, para a atuação do sr. Etelvino Lins, como coordenador político.

● AS PRIMEIRAS PROPOSTAS — Estava combinado e o sr. Tarcílio Vieira de Melo, da Bahia, pediu a palavra para propor: candidato partidário, escolha de um só nome, decisão imediata e, a seguir, entendimento com todos os partidos, sem qualquer exclusão.

Representando o outro lado, o sr. Nereu Ramos levantou uma preliminar: consulta aos partidos antes de qualquer decisão.

Sucederam-se os oradores: Perachi Barcelos e Etelvino Lins, ambos concordando com o sr. Nereu Ramos.

Leônidas de Melo, Dario Cardoso, José Joffly, Armando Falcão, Vitorino Freire, Ponce de Arruda e Moisés Lupion, pela tese da discussão imediata do problema, atingindo-se as conclusões que constituíram afinal o resultado.

● UNIÃO NACIONAL — Garcez falou, defendendo a tese de união geral, pedindo que o diretório Nacional do Partido ajudasse a proposta de Pernambuco, pró-adiamento, sugerida pelo sr. Nereu Ramos. Foi o último orador da primeira parte da reunião, que acabou às 14 e 20 da tarde.

O sr. Etelvino Lins falou exprimindo seu conhecido ponto de vista, historiando o insucesso de 1950, quando êle também pretendeu ser coordenador da sucessão presidencial, lançando o nome do sr. Nereu Ramos como candidato à Presidência da República, que, tendo o apoio de todos os diretórios do partido, foi vetado pelo marechal Dutra.

● O INTERVALO — Houve um intervalo e já se sabia quais seriam os resultados finais da reunião. O governador Garcez tomou seu avião, voltando para São Paulo, na companhia do ajudante de ordens, e deixou o sr. Cirilo Júnior como seu representante. Os deputados e senadores foram para o Congresso, que discutia projetos importantes. No Senado estava o orçamento, em fase final. E o sr. Etelvino Lins, encaminhou-se para sua casa, a fim de redigir a declaração de voto, divergindo dos resultados da reunião, fazendo nova declaração de princípios, e pedindo para voltar a levantar sua tese na convenção nacional do partido, que será em janeiro, por proposta do sr. José Joffly.

Os gaúchos prepararam um aditamento à declaração do sr. Etelvino. E todo mundo foi almoçar.

A sede do P.S.D. voltou, por algumas horas, à sua habitual tranqüilidade. O diretor de secretaria, Erasmo Martins Pedro, preparava o material e os votos para uma nova reunião, às 17 horas, e a funcionária continuava amável, pensando nos seus problemas e no serão. As portas se fecharam, o elevador deixou de descer lotado, do 8° andar, do «Edifício Piauí».

● SEGUNDA ETAPA — Às 17 horas voltou a atmosfera das 10. Encheram-se novamente as salas e todo mundo conversava «segredos de polichinelo» no gabinete do sr. Amaral Peixoto. Entre outras pessoas, apareceu interessado no resultado da reunião, pois disso depende sua eleição para a presidência da Câmara, o sr. Horácio Láfer. Começou a segunda parte da reunião às 17 e 30. Novamente entraram os diretorianos e os jornalistas ficaram com os ouvidos colados às portas, para captar detalhes do que sabiam que poderia ser dito.

Na ordem dos oradores, o sr. Vieira de Melo foi novamente o primeiro a falar. Sua proposta tinha sido aprovada, na primeira parte da reunião, por unanimidade, enquanto a do sr. Nereu Ramos, rejeitada, por 112 contra 46 votos. Insistiu Vieira na discussão imediata do problema, quando o sr. Etelvino Lins, novamente com a palavra, requereu o adiamento da discussão, perdendo, quando sua proposta foi colocada em votação, por 117 contra 42 votos.

Os blocos já estavam definidos e o grupo dissidente, partidário do adiamento da solução, teve como associado, nesta hora, a bancada alagoana. Os 42 votos dos dissidentes foram assim distribuídos: Pernambuco, 12; S. Catarina, 7; São Paulo, 7; Rio Grande do Sul, 11 e Alagoas, 5.

● A INDICAÇÃO DO GOVERNADOR — Depois, foi votada a proposta do sr. Vieira de Melo, pela indicação imediata do candidato. Em escrutínio secreto, foram colocadas na urna 117 chapas com o nome do sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. 42 votos deixaram de ser colocados na urna. Foram os gaúchos pernambucanos, catarinenses e paulistas que se abstiveram de votar.



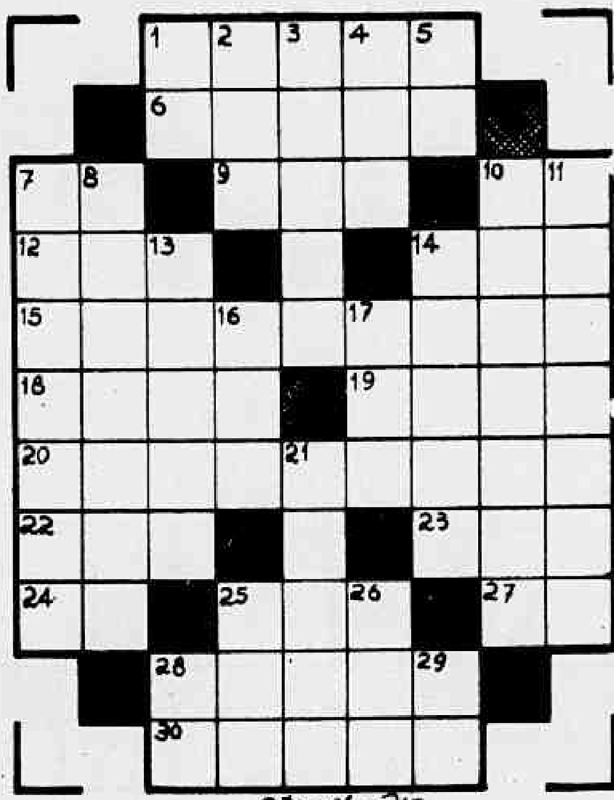
O sr. Nereu Ramos é habitualmente sizudo. Mas, permaneceu todo o tempo especialmente concentrado.



A curiosidade dos jornalistas procurava transpor a porta e as paredes divisórias. Em vão.

Palavras Cruzadas

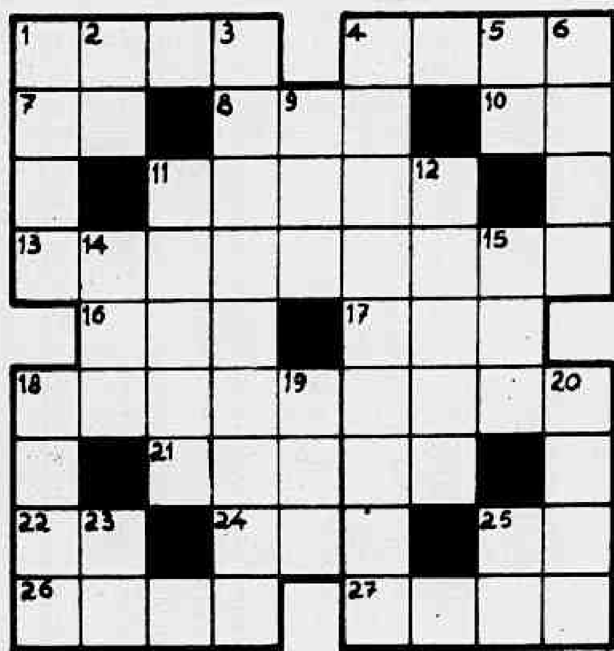
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Lôgro — 6. Pedras tôscas — 7. Cidade moabita consumida pelo fogo em uma só noite — 9. Metal, pedra, em tupi-guarani — 10. Deusa egípcia da Verdade e da Justiça — 12. Governador de província muçulmana — 14. Nome da loba de Fenris (mit. escandinava) — 15. Respeitara os preceitos — 18. Moeda portuguêsa do tempo de D. João I — 19. Papamoscas das Filipinas — 20. Contrabandista — 22. Sufixo designativo de agente — 23. Pimenta — 24. Contração — 25. Trabalho muito ativo — 27. Longínquo — 28. Feroz — 30. Pouco vulgar (pl.)

VERTICAIS: — 1. Aura — 2. O primeiro a jogar no jôgo do beto — 3. Granjear — 4. Prólogo de qualquer composição dramática — 5. Artigo plural — 7. Vai pela bolina — 8. Produto — 10. Árvore da família das Simarubáceas — 11. Pessoa que tem amarelão — 13. Planta crucífera — 14. Albinos — 16. Pronome pessoal — 17. Vale — 21. Ficar no fio — 25. Ablução entre os turcos — 26. Espaço de tempo gasto pela Terra numa translação completa em volta do Sol — 28. Pai de Supim e Hupim — 29. Mi-bemol, na notação alemã.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS — 1. O mesmo que ocre — 4. Emudece — 7. Batráquio — 8. Reme para trás — 10. Brisa — 11. Dera miados — 13. Admitir novamente — 16. Acreditei — 17. Colorido — 18. Uniformidade fastidiosa de tom — 21. Bacarija — 22. Basta! — 24. — Lá — 25. Preposição — 26. Fileiras — 27. O espírito humano.

VERTICAIS: — 1. Rezar — 2. Aqui — 3. Que tem acídia (pl.) — 4. Uma das formações mineralógicas satélites do diamante — 5. Ali — 6. Lavrar a terra — 9. Seguiam — 11. O mesmo que marga — 12. Não acentuado — 14. Reflexão de um som — 15. O mesmo que airi — 18. Assassina — 19. Semelhante — 20. Instrumento de ataque ou de defesa — 23. Outra coisa — 25. Preposição.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 43

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Caãs — lama — alba — amém — Rui — aru — tanajubas — Obi — er — il — sua — patacudos — ita — anu — rada — adur — aros — lesa.

VERTICAIS: — carta — aluá — abintestado — Sá — la — amabilidade — mera — amuso — jó — ubi — rua — ápira — Ac — usura — atar — onus — as — al.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — êmulo — América — ML — dia — Ra — acro — riam — mau — ama — atar — amar — ir — iam — dá — amoroso — ásaro.

VERTICAIS: — em — mêso — uri — liar — oc — alcatra — aramado — mamai — amara — rua — iam — rios — amor — ara — má — só.

JUSCELINO KUBITSCHEK



Na foto, aparecem os srs. Perachi Barcelos e Nestor Jost, antes da reunião.

● OS ELEITORES — Os Estados eleitores votavam através do delegado credenciado pelos diretórios regionais. Tinham, um voto cada um, além da quantidade de votos, tantos fôssem os deputados federais e senadores. Foram: Amazonas, 5; Pará, 7; Maranhão, 7; Piauí, 4; Rio Grande do Norte, 5; Ceará, 8; Paraíba, 7; Pernambuco, 12; Alagoas, 5; Sergipe, 3; Bahia, 10; Espírito Santo, 5; Estado do Rio, 10; São Paulo, 7; Paraná, 4; Santa Catarina, 7; Mato Grosso, 4; Minas, 20; Goiás, 6; Rio Grande do Sul, 11; Amapá, 2; Acre, 3 e Guaporé, 1.

● CUMPRIMENTOS E CISÃO — O sr. Juscelino saiu candidato à Presidência da República, numa reunião onde estiveram representados mais de 4 milhões de eleitores. O eleitorado brasileiro é de 15.085.430 votos.

Os presentes à segunda reunião do diretório nacional do P.S.D. foram após o conclave à casa do governador mineiro cumprimentá-lo. Havia um ar de cansaço em todos, mas os vitoriosos estavam satisfeitos.

Os derrotados, gaúchos, pernambucanos e catarinenses saíram acabrunhados e não foram cumprimentar o primeiro candidato lançado à Presidência da República. Foram se reunir. E já consta que, a partir da Convenção Nacional, se êles não tiverem satisfeitos os seus pontos de vista, cindirão o partido majoritário, compondo-se com a U.D.N.

O sr. Afonso Arinos, líder da U.D.N., no mesmo dia da reunião, sintomàticamente, reuniu os jornalistas para lhes dizer que os rumos da sucessão presidencial na U.D.N. estavam condicionados aos resultados da reunião do P.S.D., os quais, entretanto, de antemão, sabia que não lhe seriam favoráveis.

O sr. Amaral Peixoto já se encarregou da missão de abrandar os dissidentes. Terá ou não sucesso? O certo, apenas, é que êles permanecerão no partido até os resultados da Convenção. Depois, é uma incógnita.

● OPINIÃO DE DUTRA — O ponto de vista do marechal Dutra foi expresso pelo deputado Lopo Coelho que, solicitado em apartes dos srs. Georgino Avelino e Amaral Peixoto, afirmou que o marechal queria a decisão naquela reunião. Os dutristas votaram pró Juscelino.

● POSIÇÃO DE ARMANDO FALCÃO — Posição muito notada foi a do deputado Armando Falcão, presidente do P.S.D. cearense, vinculado ao sr. Carlos Lacerda e aos movimentos ao jeito e têrmos do «Clube da Lanterna». Falcão votou e foi um dos baluartes da candidatura do governador mineiro que, se supõe, poderá fazer articulações com o P.T.B.

● LEMBRANÇA DO MILITAR — A candidatura de um militar foi, apenas, lembrada em aparte por um outro militar: o general Lima de Figueiredo, de São Paulo, que, além de afirmar que o sucesso do P.S.D. majoritário se devia às suas alianças, e que só unido a outros partidos êle poderia se fortalecer ainda mais; e que, no seio do partido havia elementos dignos, entre militares e civis, à altura de pleitear à Presidência da República.

● ÚNICO ATAQUE — O clima da reunião, de um modo geral, foi de cordialidade. Apenas um aparte, o sr. Pontes Vieira de Pernambuco, atacou pessoalmente o sr. Etelvino Lins, quando falava o sr. Perachi Barcelos, explicando que o P.S.D. gaúcho por uma questão de sobrevivência não podia unir-se ao PTB. O sr. Pontes Vieira disse então que louvava a sinceridade dos gaúchos, porque êles demonstravam espírito pessedista, enquanto outros delegados ali presentes



O da esquerda é o sr. Batista Luzardo que não pode conter o sorriso; o da direita é o sr. Etelvino Lins, que não riu.

(referia-se a Etelvino) faziam demarches para entregar a chance a não pessedistas. Mas a onda passou.

● AUSÊNCIA DE BALBINO — Outro fato notado na reunião do diretório nacional do P.S.D. foi a ausência do sr. Antônio Balbino, governador eleito da Bahia. O sr. Balbino, a princípio, funcionou como coordenador da candidatura Juscelino. Depois preferiu se retrair para aguardar os acontecimentos. Outros governadores eleitos a 3 de outubro também não compareceram.

Fato digno de nota também, é o regime eleitoral da convenção. Só há um delegado eleitor, que vota por todos os componentes de um Estado. Assim, elementos das dissidências, como os pernambucanos e baianos, tiveram que votar contra seus pontos de vista, caso típico dos srs. Jarbas Maranhão, Pontes Vieira e Heráclio do Rêgo, cujo voto pertenceu ao sr. Etelvino Lins, e dos elementos da corrente baiana do sr. Antônio Balbino, que votaram segundo os pontos de vista do governador Regis Pacheco, através do sr. Tarcílio Vieira de Melo.

● NA HORA CERTA — Do ponto de vista partidário, deve-se reconhecer que o P.S.D. agiu na hora certa. Quanto à expressão política do elemento que lançou, dentro do seu quadro partidário, não há outro mais credenciado. Sente-se, entretanto cada vez mais, a dificuldade da escolha de um candidato de conciliação geral, de modo que as fôrças contrárias ao sr. Juscelino Kubitschek dentro e fora do P.S.D., de certo, não subestimarão a situação de fato.

Tudo, porém, vai depender da evolução dos acontecimentos. Havendo dois candidatos à Presidência da República a situação será uma; havendo três será modificado o panonama eleitoral em 1955.



O Governador Juscelino Kubitschek não estêve presente, mas, de longe, e pelo telefone, acompanhou passo a passo o desenrolar dos acontecimentos.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 11 E 17 DE DEZEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Os dias 12, 15 e 16, não favorecerão os empreendimentos novos. Os negócios iniciados em tais dias, não se desenvolverão a contento. O melhor será abstenção, no campo das iniciativas, na vigência de tais dias.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá modificações sensíveis no influxo dos astros, na próxima semana e no seu caso. A **chance** continuará nos assuntos financeiros. Tudo lhe será facilitado, nesse particular, notadamente nos dias ímpares.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não haverá mais nenhum motivo para as restrições feitas na semana anterior. O caminho se abre à frente do leitor, largo e sem impedimentos. Sua liberdade de ação será completa e ótimos os resultados.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A semana será muito boa para suas relações e para a vida doméstica. No setor da profissão poderão surgir pequenas contrariedades. O ambiente astral lhe será desfavorável à produção. Felizmente o período será fraco em eflúvios.

★ LEAO (21/1 — 22/2) — Recomendamos ao leitor, tôda prudência no que fizer e a maior precaução na guarda dos bens e dos valores que lhe forem confiados. Os ladrões andarão à sôlta e se sentirão atraídos para o seu lado. O dia 16 será perigoso.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Todos os casos em que o leitor tiver interêsse imediato, os negócios em andamento ou iniciados no curso da semana, terão solução satisfatória. O clima astral será muito favorável à produção e aos proventos.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Bons ventos levarão o leitor ao melhor resultado nas atividades sentimentais. Os sexos estarão em harmonia fundamental durante tôda a semana. No seu caso não haverá contra-indicação.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Sua posição não será equilibrada em relação aos vizinhos e aos domésticos. Evite, pois, contrariedades e discussões com os mesmos, especialmente no dia 16. Lembre-se do rifão antigo: «De um arqueiro fazem um cavaleiro».

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O clima planetário da semana será favorável às pretenções do leitor, aos pedidos que formular, às solicitações que fizer. Os dias 11 e 17 serão os melhores do novo período.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não poderá haver fracasso nos seus negócios ou insucesso nos empreendimentos. O ambiente astral o favorecerá sôbre modo, podendo mesmo, provocar uma modificação na sua posição, para melhor.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não deverá sair do habitual, no curso da semana. Confine-se nas ocupações ordinárias, no seu «ramerrão» de todos os dias. O ambiente dos astros não aconselhará qualquer inovação.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A sorte só o procurará indiretamente. Seus negócios pessoais não serão bem influenciados, podendo ter êxito, porém, nos que se fizerem por interposta pessoa. O clima será ótimo para delegação de poderes.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro,	11	—	Natalino	—	Edwiges
"	12	—	Romélio	—	Maria
"	13	—	Landulfo	—	Eudacília
"	14	—	Marcos	—	Vicência
"	15	—	Leandro	—	Lúcia
"	16	—	Juvenal	—	Ismênia
"	17	—	Lauro	—	Letícia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do sol ao meio-dia de Greenwich

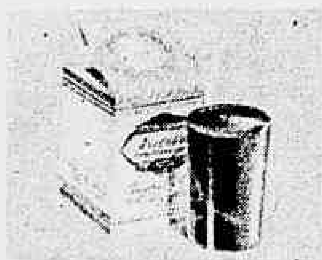
Dezembro,	11	—	18º - 54' - 55"	(Signo do Sagitário)
"	12	—	19º - 55' - 54"	" " "
"	13	—	20º - 56' - 54"	" " "
"	14	—	21º - 57' - 55"	" " "
"	15	—	22º - 58' - 57"	" " "
"	16	—	24º - 00' - 00"	" " "
"	17	—	25º - 1' - 3"	" " "



Como um banho de luz...

Sua beleza ganha
vida nova
e nova sedução sob o poder mágico de

ANTISARDINA



Antisardina é o creme ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientìficamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.



SUÍÇO
e famoso no mundo inteiro



RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

M A R I A

(Cont. da pág. 33)

XIII

Os sóis de sete dias haviam se apagado sôbre nós e, altas horas de suas noites nos surpreenderam trabalhando. Na última, recostado meu pai num catre, ditava êle e eu escrevia. Repeti a palavra final da frase que acabava de escrever. Êle não ditou mais — voltei-me então, imaginando que não me tinha ouvido, mas dormia profundamente. Era êle um homem infatigável, mas daquela vez o trabalho havia sido excessivo. Diminuí a luz do quarto, fechei janelas e portas e esperei que despertasse, passeando no espaçoso corredor na extremidade do qual se achava o escritório.

A noite era serena e silenciosa; a abóbada do céu, azul e transparente, luzia com todo o seu brilho de verão. O branco pórtico, fronteiro ao edifício, dava entrada para o pátio, e destacava-se na obscuridade da planície, projetando seus capitéis sôbre a massa informe das cordilheiras longínquas, e cujas cristas pareciam iluminadas por momentos por fulgores das tormentas do Pacífico.

— Maria, dizia, eu a mim mesmo atento aos sussurros, e respiros daquela natureza em sonho. Maria talvez já tenha adormecido. Sorrindo talvez, ao lembrar-se que amanhã estarei ao seu lado. Porém, depois? Êsse depois era terrível, era minha viagem.

Pareceu-me ouvir o galope de um cavalo que atravessa a planície. Supus que fôsse um criado que havíamos enviado à cidade há quatro dias, e a que esperávamos com impaciência, porque devia trazer correspondência importante. Não tardou muito e aproximou-se de casa.

— Camilo? — perguntei.

— Sim, meu amo, respondeu entregando-me um pacote de cartas.

O ruído de esporas despertou meu pai.

— Que é isto, homem? interrogou o recém-chegado.

— Despacharam-me às doze, meu amo, e como o derrame do Cauca já chega a Guaybo, tive de demorar-me muito.

— Bem, fala a Feliciana para lhe dar de comer, e cuida muito dêsse cavalo.

Havia revistado meu pai a firma de algumas cartas das que continha o pacote, e encontrado por fim o que desejava, disse-me:

— Começa por esta.

Li em voz alta algumas linhas e ao chegar a certo ponto, detive-me involuntàriamente.

Tomou êle a carta e com os lábios contraídos, enquanto devorava o conteúdo com os olhos, concluiu a leitura e atirou o papel sôbre a mesa, dizendo:

— Êsse homem me matou! Leia essa carta. Sucedeu afinal o que sua mãe temia.

(Cont. no próximo número)

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

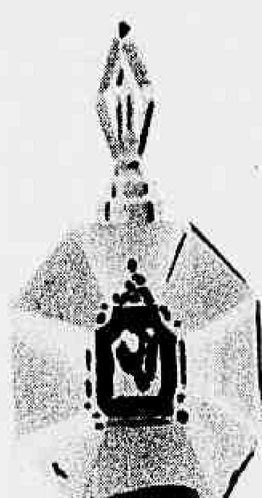
LOJAS DA PERFUMARIA MEYER



LOJA 2

LOUÇAS
CRISTAIS
PORCELANAS
PRATARIAS
ARTIGOS PARA NATAL







LOJA 1

PERFUMARIA E SALÃO DE CABELEIREIROS



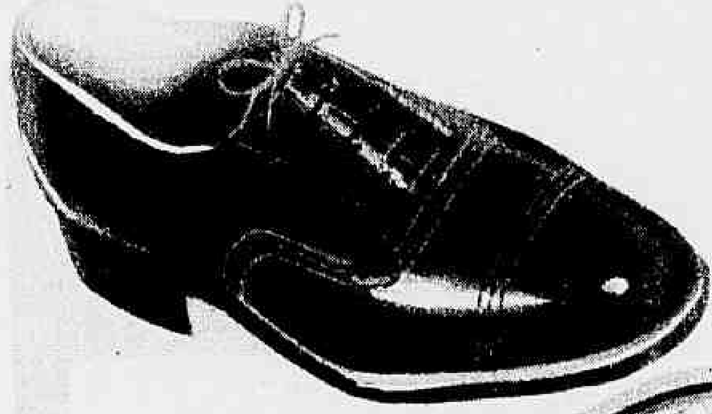


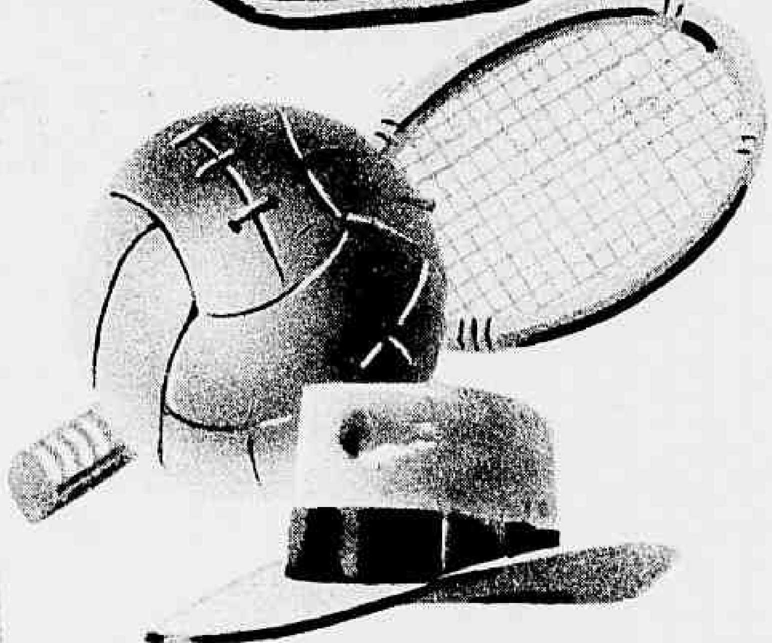
LOJA 5 - Camisaria

CAMISAS
GRAVATAS
PIJAMAS
MEIAS
LENÇOS
CINTOS ETC.

LOJA 3 - Sapataria

SAPATOS PARA HOMENS SENHORAS E CRIANÇAS







LOJA 4 - Chapelaria

CHAPÉUS E ARTIGOS PARA ESPORTES

VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — — 29-1850 — 29-1479 — 29-1786

FÁBRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefones: 29-0756



VISÃO DO ALTO DE UM HELICÓPTERO

A FÉ REMOVE A MONTANHA

O CASO DO MORRO DE SANTO ANTÔNIO ★ SENTENÇA DE JOÃO CARLOS VITAL ★ O INÍCIO DAS OBRAS ★ PARA ONDE VAI A TERRA ★ NASCE UM PLANALTO ★ A FÉ REMOVE MONTANHAS

Fotos de A. VIEIRA

O morro de Santo Antônio nasce ali no centro da cidade e vai subindo até as faldas de Santa Teresa. Chama-se Santo Antônio, conservando o nome colonial que os frades lhe deram — e desde as épocas antigas do Vice-Rei, que se estabeleceu no âmago da cidade como um dos mais tradicionais logradouros públicos da fé. Mas se naquele tempo a colina era plausível, hoje, com a cidade espremida entre edifícios e ruas estreitas, tornou-se obsoleta. Deixou de enfeitar, entrava — e até mesmo seu aspecto útil foi desaparecendo, para deixar lugar afinal à desoladora evidência: o morro era demais, congestionava o próprio coração da cidade, como um corpo estranho. De há muito impôs-se a solução — fazer o morro vir abaixo. E os prefeitos que foram gerindo os destinos desta capital, sempre deram com êste problema insolúvel: o morro, sempre o morro.

● SENTENÇA DE JOÃO CARLOS VITAL — Mas da necessidade de fazer o morro vir abaixo, nasceu uma outra lenda — a de que cairia por terra, não o morro mas todo aquêle que tocasse nêle. Muitos prefeitos recuaram escrupulosamente diante da tarefa, certos



Não é o resultado de uma explosão atômica, mas simplesmente o Morro de Santo Antônio. Eis a terra sendo removida.



Satisfaz plenamente

a nova embalagem

A nova embalagem do puríssimo Açucar PÉROLA, além de proteger melhor o produto, evita perdas, proporcionando maior satisfação aos consumidores



• mais resistente
• mais higiênica
• mais econômica

açucar PEROLA

saco azul e cinta encarnada

fabius

CORREIO DA REVISTA

● Do teatrólogo Raimundo Magalhães Jr. recebemos a seguinte carta:

Como velho jornalista, sou inimigo de retificações. Mas, no «Ping-Pong» do n. 48, da «Revista da Semana», a de 27-11-54, que me deu a honra de colocar-me em suas páginas ilustres, passou um gato que está miando muito alto. Preciso silenciá-lo. Embora, a estas horas, você próprio já o tenha, por certo, apanhado pela cauda, quero esclarecer que a senhora em cujo companhia fui fotografado não é minha espôsa, a escritora Lúcia Benedetti, como saiu, mas a grande atriz que tanto ela quanto eu, e você, também, por certo, muito admiramos, a nossa admirável Dulcina de Morais, espôsa de Odilon Azevedo e grande colaboradora dêsse dinâmico empresário e brilhante ator. O fotógrafo da «Revista da Semana» tomou a fotografia no Teatro Rival, quando era feita a leitura da peça de Tennessee Williams, «A Rosa Tatuada», por mim traduzida e que provàvelmente será ali representada no início do ano vindouro. Como êsse caso não é daqueles que o leitor inteligente fàcilmente corrigirá, mando-lhe a retificação. Na pergunta «Qual a profissão mais cômoda do Brasil?», a resposta saiu: «A de pecuarista. O govêrno responde pelas nossas divisas e ainda lhe damos a impressão de que lhe fazemos favor». Leia-se «dívidas», em vez de divisas, mesmo porque o nosso boi ainda não chega para a exportação. Quanto ao resto, o meu muito obrigado pela excessiva importância que a «Revista da Semana» deu à modesta pessoa do seu antigo secretário e amigo de sempre.

a) **R. Magalhães Júnior.**

A Fé remove a montanha



Morro de Santo Antônio, vendo-se o Quartel da Polícia Especial, que também será demolido, até julho do ano próximo.

Miranda, que atuou como pilôto, evoluímos sôbre o local onde outrora havia sido o morro. Hoje, é apenas uma vasta cratera em pleno centro da Capital. Não é, no entanto, o efeito arrasador de uma bomba: é o resultado do trabalho laborioso das mãos do homem.

Lá para os lados do mar, na Glória, vai se amontoando o atêrro; as máquinas trabalham dia e noite. E o mar, que o poeta disse ser indomável, foi mansamente recuando para mais longe.

● A MONTANHA REMOVIDA — Afinal coube ao sr. Alim Pedro a missão de levar a têrmo a árdua tarefa. No íntimo, talvez, não seria essa a sua vontade, pois a obra é realmente caríssima e há outros problemas reclamando solução urgente. Mas o Secretário de Finanças, Souza Rangel, vai pagando, talvez com a secreta esperança de encontrar uma botija, quem sabe, entre os escombros do morro.



Parece uma onda se alastrando, mas é apenas terra vista do alto. Os caminhões trabalham sem descanso, atulhando a enseada da Glória.

Fernandes e srtas. Lia Oscar da Cunha, Bernadette Simões Soares e sr. Nerione Cardoso.

★ ENCERRANDO A SEMANA — E esta coluna, houve o almôço promovido na piscina do Hotel Glória, organizado pelos srs. Eduardo Tapajós e José Mauro. Na beleza da manhã de domingo, compareceram caras bonitas do nosso «Café Society» que enfeitaram a piscina azul e sinuosa. A srta. Maria Lúcia Cortez foi empurrada e bebeu alguns goles dágua; srta. Terezinha Soares provocou muito sucesso. Havia cinegrafistas funcionando e aqualoucos em profusão. Na manhã alegre, era difícil dizer quem era aqualouco ou não. Todos deram suas impressões que foram gravadas na fita para, depois, ir ao ar.



O Governador veio de Minas para o casamento

"UM GATO FICA MAIS VELHO

"KISS ME KATE"

PETER

● **Neste mês de festas de grande afluência e muito decote, tivemos, semana passada, o desfile organizado pela Câmara Sindical de Alta Costura Parisiense, que realizou-se no Golden Room do Copacabana Palace, com criações de Fath, Dior, Givenchy, enfim, todos os grandes costureiros parisienses. O desfile foi apresentado pelo sr. Jacques Heim, chefe da delegação e foi precedido por um número de dança. Estiveram presentes o sr. e sra. Válter Moreira Sales (muito elegante com um vestido de rendas, bordado a prata), sr. e sra. Guihlerme da Silveira Filho, sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho, sr. e sra. Bob Winnans, sr. e sra. George Hime, Embaixador da França e senhora, sr. e sra. Ediberto Ribeiro de Castro, sr. e sra. Ricardo Fazzanelo, sr. e sra. Alfredo Tomé, sr. e sra. Jorge Guinle, srtas. Gilda Robichez, Ilde (Glamour) Garavaglia, Sônia (Bangu) Carneiro, srs. Francisco de Paula Machado, Osvaldo Vidigal, cronista Ibrahim Sued, Homero Lopez, Carlos Robichez Pena, Vadinho Dolabela e Otávio Guinle Filho. Para dizer apenas alguns nomes.**

★ «KISS ME KATE» — Na segunda-feira passada, tivemos mais uma grande noite organizada pelo sr. Harry (Motion Picture) Stone. O cineminha da Embaixada Americana ficou completamente lotado, tendo recebido muitas palmas o musical da «Metro». À saída o cumprimento e o sorriso simpático do sr. Stone. Depois contarei com detalhes.

★ ANIVERSARIO DA SEMANA — Ainda acamado, comemorou aniversário o colunista Jacinto de Thormes. Proibido de tomar «drinks», o sr. Manuel Bernardez Muller teve que limitar-se a ver os diversos amigos que foram abraçá-lo beberem por êle.

★ O FESTIVAL DE CINEMA — Está prometendo muito o Festival de Cinema a realizar-se em Punta del Leste. Já foram convidados os mais importantes colunistas da Imprensa norte-americana, deverão ser convidados quinze pessoas do cinema nacional e deverão comparecer pessoas de nosso «Café Society». O Festival promete ser muito bom e comparecimento em massa de artistas de todo o mundo.

★ O CASAMENTO DO MOSTEIRO — Em belíssima cerimônia, no Mosteiro de São Bento, casaram-se Maria Riza e Sérgio, filhos da sra. Arlete Rebelo Batista e sr. e sra. Alonso Soares Dutra. Na Igreja cheíssima, todos foram unânimes em proclamar a beleza da noiva. Nós **também.**

★ CRONISTAS E «GLAMOUR» — Os cronistas Fernando Augusto, João Rezende e êste que escreve, ofereceram um «drink» às «patronesses» da festa da Glamour e seus organizadores, Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued. Pequena homenagem aos responsáveis pelo sucesso que foi a festa da «Glamour Girl» de 1954.

★ OS «STARS» JANTAM — Sábado, no Iate Clube Fluminense, houve o jantar organizado pelos adeptos do barco de regatas da classe «Star». Durante todo o jantar, não se falou noutra coisa.

★ CASAMENTO EM IPANEMA — Na Igreja de Nossa Senhora da Paz, teve lugar o casamento de Dyrno Pires Ferreira com a srta. Josette Franklin dos Santos, sendo servido de padrinhos o governador Juscelino Kubitschek (acompanhado de sua sobrinha que veio representando a sra. Sarah Kubitschek que se encontra doente), sr. e sra. Eurico Fernandes e sr. e sra. senador Asdrubal Soares. À recepção do político carioca, compareceram, entre outros, ministro Negrão de Lima, senador Atílio Vivacqua e senhora, deputado Ovídio de Abreu, senador Joaquim Pires Ferreira (avô do noivo), sr. João de Carvalho, deputado e senhora Mário Tambomrindeghe, sr. e sra. Paulo

Srta. Precilda Pinotti

● **Quem chegar à porta dos artistas do «show» do Copacabana, «Fantasia e Fantasias», terá a impressão que se encontra à saída de algum colégio noturno. As «emancipadas» deixam aquela casa noturna, acompanhadas de pessoas da família, penteadas com um «rabo de cavalo» e direto para casa. Nada de amiguinhos, de «drinks», de noitadas. Entre elas, Precilda Pinotti, filha do ministro e grande cientista Mário Pinotti, vai tôdas as noites no «Cadillac» da família, acompanhada de sua mãe. Quebrando completamente todos os tabus e preconceitos de baú, Precilda resolveu aceitar um convite do Copacabana, no intuito de aplicar o que aprendera em «ballet».**



Precilda e o «Ballet»

Carioca, 18, estudou no Jacobina e fêz quatro anos no Colégio de Freiras Dominicanas, nos Estados Unidos, onde fêz o «high-school» e «ballet» E da Escola de Baile do Municipal. Explica sua entrada para o «show», da seguinte maneira: «A princípio, papai se opôs, mas mamãe me animou. Mais tarde, êle concordou. Era preciso aplicar o que aprendera e tomar contacto com o público.» Ela diz que está contente de trabalhar na profissão que escolheu e que aceitará oferta de outro «show», quando êste acabar, desde que seja para melhorar minha técnica».

Desde os seis anos que Precilda estuda o «ballet». Seu mestre, nos Estados Unidos, foi Igor Schwezoff, durante três anos. Gosta de esportes violentos, inclusive o box. Pratica natação, joga um pouco de tênis e patinou no gêlo, quando estêve nos EE.UU. No Brasil, admira Yelê Bittencourt e Berta Rosanova.

No final da entrevista, resolvemos brincar e perguntamos à Precilda se ela entendia alguma coisa de malária. Para nossa surprêsa, respondeu, sem titubear:

«Entendo».





O QUARTO 200

● Um cidadão milagrosamente salvo da morte, doou ao Hospital Miguel Couto a tenda de oxigênio que o abrigou durante alguns dias, batizando-a como a "tenda do Milagre". Sob esta mesma tenda, agonizou e morreu depois o repórter Nestor Moreira, sem que sobreviesse milagre algum. E nem se operou o milagre quando um terceiro doente se acolheu sob ela, Edgar Estrêla. No mesmo quarto, na mesma cama e sob a mesma tenda, exalaram o último suspiro os dois grandes amigos. Ei-los numa foto sensacional, reunidos, quando o repórter o entrevistava para "A Noite", jornal em que trabalhava, e no instante exato em que Estrêla saía a serviço.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 Nº 50 ★ RIO DE JANEIRO ★ 11-12-54

Assistente de Publicidade........... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



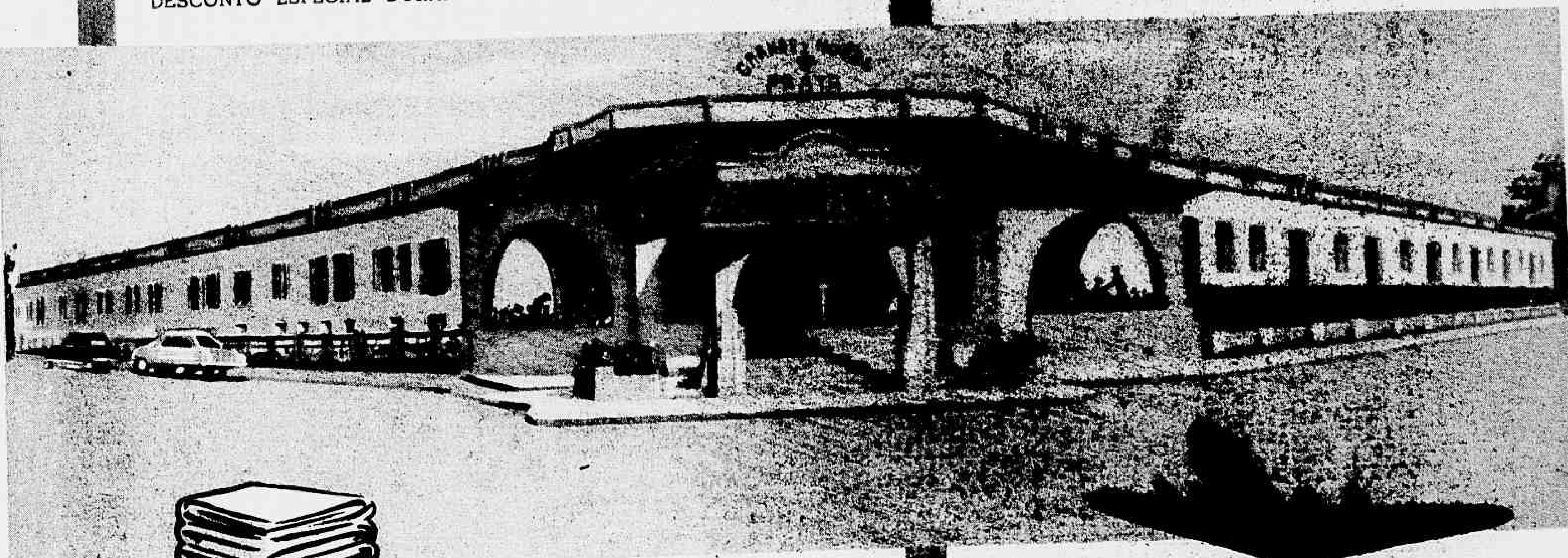
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"

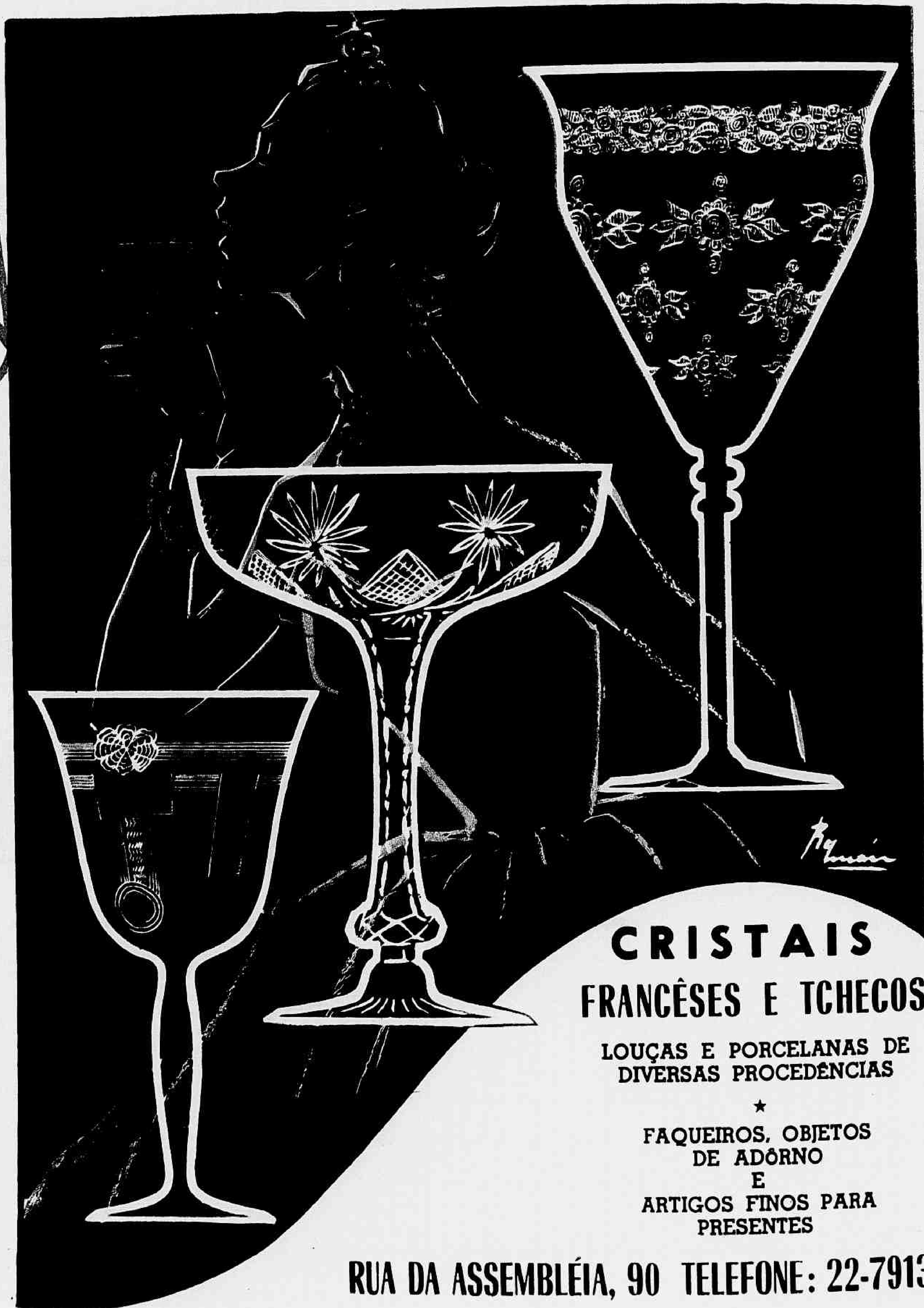
AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata, em 30 minutos de automóvel)

Princesa dos Cristais



CRISTAIS

FRANCÊSES E TCHECOS

LOUÇAS E PORCELANAS DE DIVERSAS PROCEDÊNCIAS

★

FAQUEIROS, OBJETOS DE ADÔRNO E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

RUA DA ASSEMBLÉIA, 90 TELEFONE: 22-7913